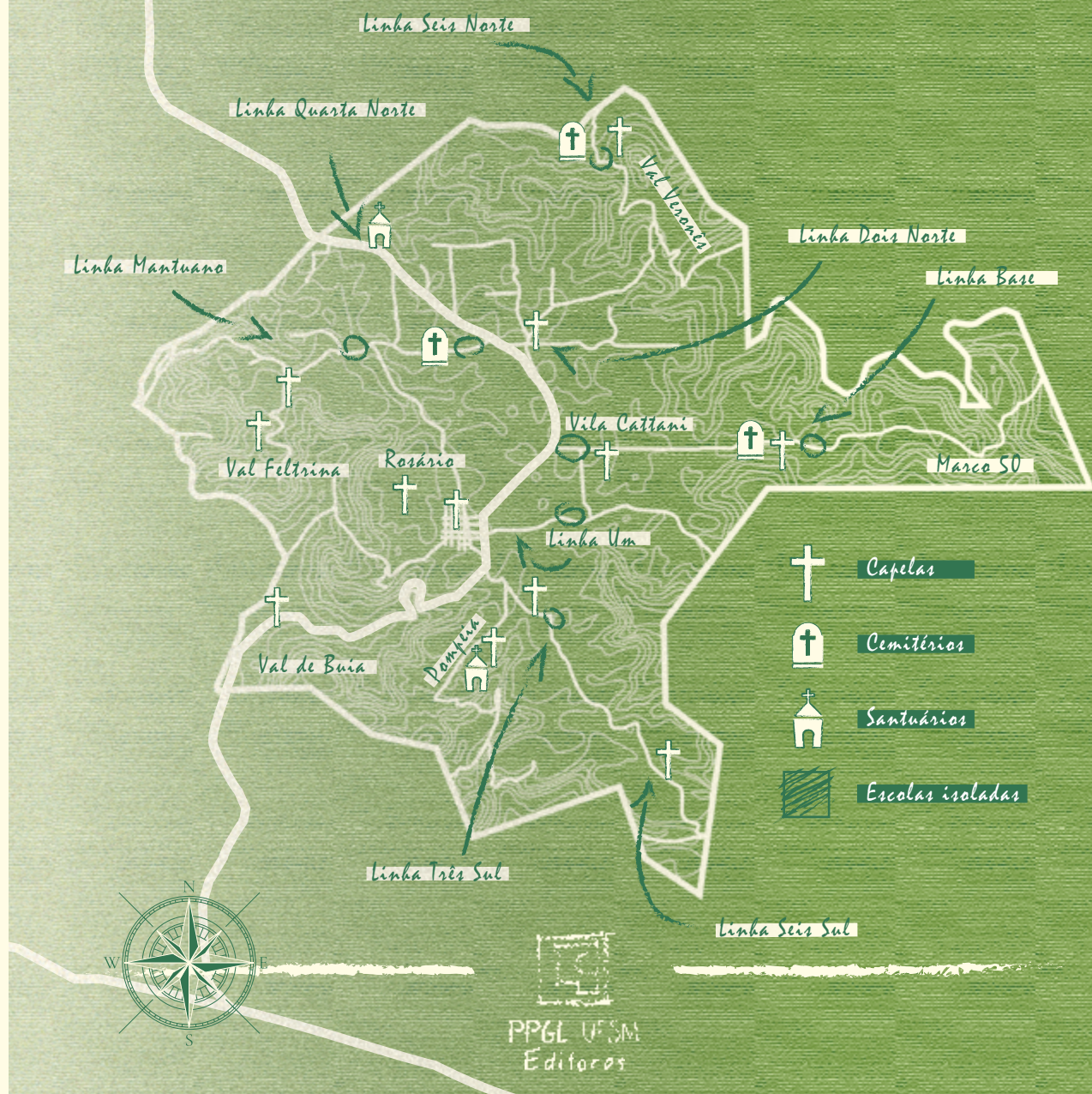


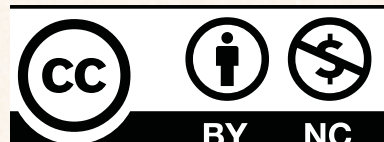
ESCOLAS ISOLADAS RURAIS

COLEÇÃO: MEMÓRIAS INFINITAS,
Nº3





TODO O CONTEÚDO DA COLEÇÃO MEMÓRIAS INFINITAS TEM UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS ATRIBUIÇÃO - NÃO COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL.



A COLEÇÃO MEMÓRIAS INFINITAS POSSUI CARÁTER PÚBLICO E GRATUITO, DESSA FORMA, NÃO SÃO COBRADOS CUSTOS OU TAXAS PARA SUBMISSÃO, PROCESSAMENTO, PUBLICAÇÃO E LEITURA DOS ARTIGOS.

FICHA CATALOGRÁFICA

E74	Escolas isoladas rurais [recurso eletrônico] / [preparação de originais: Amanda Eloina Scherer ... [et al.]]. – Santa Maria, RS : UFSM, CAL, PPGL Editores, 2026. 1 e-book : il. – (Coleção memórias infinitas ; n. 3) ISBN 978-65-02-13026-1 1. Memória escolar 2. Escolas municipais 3. Silveira Martins I. Scherer, Amanda Eloina II. Série. CDU 37.014.5(816.5)
-----	--

Biblioteca Central - UFSM

PPGL EDITORES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

PRÉDIO 16 - SALA 3222 - BLOCO A2

CAMPUS UNIVERSITÁRIO - BAIRRO CAMOBI

CEP 97.105-900 - SANTA MARIA/RS - BRASIL

FONE: 55 3220 9359

E-MAIL: PPGLETRAS@UFSM.BR

SITE: [HTTPS://WWW.UFSM.BR/CURSOS/POS-GRADUACAO/SANTA-MARIA/PPGLETRAS/PPGL-EDITORES](https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppgletras/ppgl-editores)

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA MARIA**

REITORA

Martha Bohrer Adaime

VICE-REITOR

Tiago Bandeira Marchesan

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Milena Freire de Oliveira-Cruz

**PRÓ-REITORA ADJUNTA
DE EXTENSÃO**

Ângela Weber Righi

**COORDENADOR DE
DESENVOLVIMENTO
REGIONAL**

Leandro Nunes Gabbi

**DIRETOR DO CENTRO
DE ARTES E LETRAS**

Gil Roberto Costa Negreiros

**VICE-DIRETORA DO CENTRO
DE ARTES E LETRAS**

Ândréia Machado Oliveira

**CHEFIA DO ESPAÇO
MULTIDISCIPLINAR
SILVEIRA MARTINS**

Cadidja Coutinho

Phillip Vilanova Ilha

**COORDENADORES DO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
E MEMÓRIA**

Amanda Eloina Scherer

Enéias Tavares

**COORDENADORA DO
PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Raquel Trentin Oliveira

CONSELHO EDITORIAL

Caroline M. Schneiders

Estanislao Sofia

Gerson Luiz Roani

Irène Fenoglio

José Edicarlo Aquino

Lucília Maria Sousa Romão

Marluza da Rosa

Valdir Prigol

Vanise Medeiros

CURADORIA DE ARQUIVOS

Victoria Heloína Almeron

Lopes dos Santos

Erick de Queiroz Brittes

Juliana Scariotti Cielo

**PROJETO GRÁFICO
E EDITORAÇÃO**

Jéssica Sayuri Campos Mogi

REVISÃO DE LINGUAGEM

Victoria Heloína Almeron

Lopes dos Santos

Erick de Queiroz Brittes

ENTREVISTADOS

Edair Moretto

Anilce Sala

Vilma Dellamea Cielo

Rodrigo Moro Savagnago

Jairo Nicoloso

POLÍTICA EDITORIAL

A Coleção Memórias Infinitas tem por objetivo corroborar com uma política regional de guarda sobre a história na região da Quarta Colônia (RS) e que esteja relacionada aos geossítios vinculados ao Projeto Geoparques. Os registros podem ser feitos de diferentes formas de expressão cultural, linguística, arquitetônica, literária, histórica, artística, etc. Sua meta principal é criar uma cultura de educação patrimonial a partir de objetos, instrumentos linguísticos, materialidades diversas, para que possamos implantar uma política de preservação e guarda de acervos na região, constitutivos do que somos no tempo presente.



COLEÇÃO MEMÓRIAS INFINITAS



ESCOLAS ISOLADAS RURAIS -

Silveira Martins

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
APONTAMENTOS DE VIAJANTES.....	9
FRAGMENTOS DE UMA MEMÓRIA ESCOLAR.....	14
UM RECORTE NA MALHA DO TEMPO: AS ESCOLAS RURAIS DE SILVEIRA MARTINS.....	21
O TEMPO NAS ESCOLAS: MEMÓRIAS DE UMA EX- ALUNA.....	30
ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: ANOTAÇÕES DE UMA PROFESSORA.....	34
UM PROJETO DE MEMÓRIA: O CASO DA BRIZOLETA DE SILVEIRA MARTINS.....	39
RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE.....	47

APRESENTAÇÃO

Memórias Infinitas n. 03 é resultado do Projeto de Extensão - *A memória escolar no distrito de Silveira Martins entre 1935 a 1978: o caso das escolas municipais rurais* – com registro n. 061684, GAP/CAL/UFSM. O referido projeto vem sendo desenvolvido no Espaço Multidisciplinar da Universidade Federal de Santa Maria, em Silveira Martins, desde março de 2024, por pesquisadores, alunos de Iniciação Científica, mestrandos e doutorandos, todos vinculados ao Centro de Documentação e Memória. Os textos aqui reunidos têm por objetivo traçar um possível caminho para a historicização das antigas escolas isoladas rurais, visando mostrar sua importância na configuração da escola primária no interior do Rio Grande do Sul, especialmente no período em que essas escolas foram numericamente dominantes, embora amplamente subestimadas pelas políticas educacionais no interior do estado. É igualmente importante destacar a relevância de tais escolas na constituição das famosas Linhas (nomeações às divisões internas que orientavam os loteamentos das terras e que seguiam uma numeração, como Linha Base, Linha Um, Linha Duas etc.). Por outro lado, foi fundamental compreender como foram construídas as políticas de abertura, de funcionamento e fechamento de tais escolas, que tinham em comum o modelo multisseriado, a formação de professores no período de férias e a organização de materiais didáticos próprios, além de objetos por demais específicos daquele momento, os quais nos permitiram apreender as múltiplas possibilidades da escolarização do mundo infantil no interior do espaço escolar e, da mesma forma, as diversas configurações que a instituição escola vai assumir seu compromisso ao longo da história no Berço da Quarta Colônia, no Rio Grande do Sul.

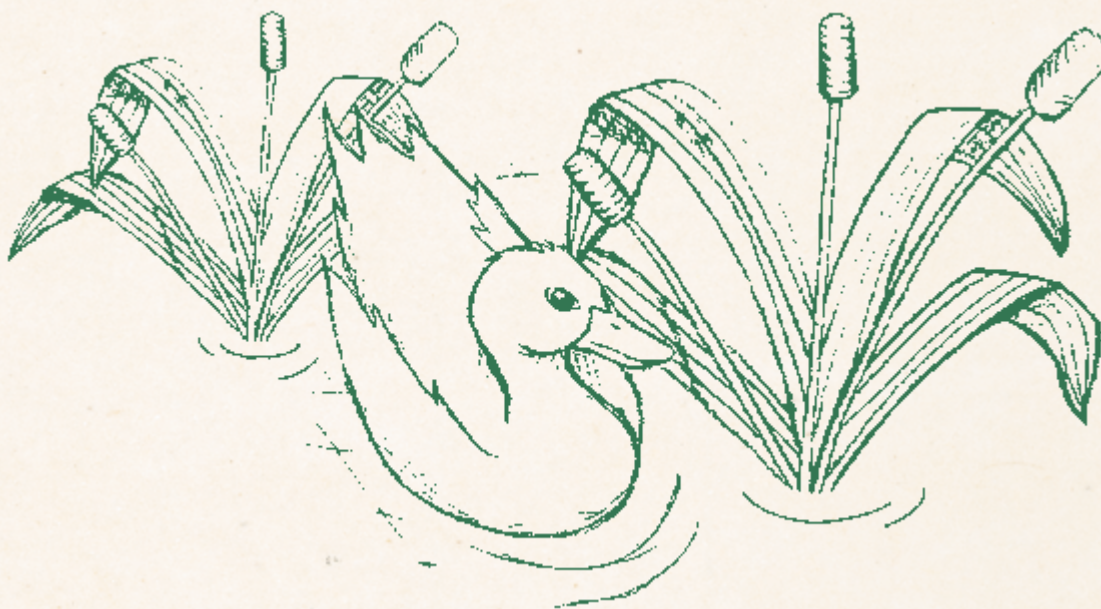
Gostaríamos de agradecer à Profa. Sílvia Fioreze, Secretária de Educação do município de Silveira Martins pela acolhida sempre generosa e incentivadora. Às direções da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Frederico Savegnago, sempre solícitas às nossas demandas. Ao Professor e ex-prefeito Jairo Nicoloso, pelo nosso bate-papo em uma manhã ensolarada. À Dona Edair Moretto, professora municipal aposentada, pelas longas con-

versas via *Whatsapp*, pela sua presença constante no CDM, sempre cheia de sorrisos e disposição e também por nos proporcionar as visitas à famosa Brizoleta da Linha Seis Norte. Da mesma forma, agradecemos ao Prof. Rodrigo Moro Savegnago, o nosso incansável historiador, que nunca se furtou às nossas demandas e às nossas perguntas. À Dona Vilma Dellamea Cielo, a Vó da Ju, que sempre nos recebeu com muitos lanches típicos de Silveira, com inúmeras e longas conversas na cozinha de sua casa e, sem esquecer, com sua companhia durante as visitas às antigas escolas. Todos e todas foram fundamentais ao nos cederem uma velha cartilha, que guardamos com muito carinho, aquela bem amarelada, com uma capa sacrificada pelo tempo e pelo uso, e que acabou ficando sem algumas páginas, nas quais a Jéssica soube muito bem se inspirar para as lições que separam as partes da constituição de nossa publicação.

Queremos dedicar a publicação do Memórias Infinitas n. 03 à Edair Moretto, à Vilma Dellamea Cielo e à Anilce Sala, três senhoras, todas, nomes da história escolar em Silveira Martins e região... o nosso muito obrigada por tudo... e pela impossibilidade do esquecimento.

OS ORGANIZADORES

PARTE 1



A pata nada.

pata
pa

nada
na

papa
pata

pata
pa

nada
na

APONTAMENTOS DE VIAJANTES¹

"Com seus 12.000 habitantes, o município de Santa Maria tem a sua economia baseada na Campanha, para além da cidade, nas colônias da Boca do Monte e em Silveira Martins, esta última com 6.020 habitantes. Localizada junto à Estrada do Pinhal, que daqui da Serra, através de uma baixada – daí o nome "Boca do Monte", o Portal da Serra – chega à planície, essa cidadezinha, por certo, caminha progressivamente em direção a um bom desenvolvimento, com o desabrochar das suas colônias vizinhas e conectada com o mundo exterior pela estrada de ferro."

HERMAN SOYAUX (2008 [1887], p. 73)



"Junto ao rio Toropi, situa-se a antiga colônia Silveira Martins, que hoje forma a freguesia Santo Antonio de Silveira Martins, o oitavo distrito do município de Santa Maria. Ela foi fundada no ano de 1877, com 714 almas e hoje tem uma população de 7.000 habitantes, entre russos, italianos, poloneses, franceses e poucos alemães. As terras são muito férteis e ali se cultivam sobretudo cereais. A ex-colônia compõe-se de três complexos de terra, que se diferenciam pelos nomes Núcleo Norte, Núcleo Sul e Soturno."

THEODOR GRIMM (2008 [1891], p. 77)



"As estradas de rodagem do município, à exceção da propriamente dita – da Colônia Silveira Martins além do Vacacaí-Mirim e a da saída do Pinhal, as mais são más, abertas simplesmente no campo ou mato, que no tempo de verão são secas e transitáveis, porém que no inverno tornam-se impossíveis, especialmente as quatro entradas para a cidade de Santa Maria, por ser o terreno aí completamente argiloso e impermeável portanto, sem um benefício útil que pudesse melhorar o trânsito público."

CATÃO COELHO & CANDIDO BRINCKMANN (2008 [1898], p. 90)

"É uma esplêndida situação sobre a estrada que vem da colônia Silveira Martins e uma das entradas da cidade. [...] O 4° distrito, colônia Silveira Martins, tem uma população de 5.189 habitantes."

JOÃO BORGES FORTES (2008 [1901], p. 98)



"O município de Santa Maria ocupa o centro geográfico do Estado e a sua sede, cidade de Santa Maria, está situada aos 10°30'00" aproximadamente de longitude oeste do meridiano do Rio de Janeiro, e aos 29°40'11" de latitude sul. Confronta ao norte com o município de Vila Rica; a leste com o da Cachoeira; ao sul com os de São Gabriel e São Sepé e a oeste com o de São Vicente. Possui várias povoações, quais sejam: Pinhal, São Martinho, Colônia, Silveira Martins e São Pedro. A linha férrea passa pela sede e pelo Pinhal, ficando distante de São Martinho, 22 quilômetros, de Silveira Martins, 23 (estação Colônia) e do povoado de São Pedro, apenas 10. [...] O núcleo colonial Silveira Martins está situado a 23 quilômetros da linha férrea de P.A.U.², estação da Colônia, tem 5.140 habitantes e produz arroz, feijão, batatas, aguardente e vinho, sendo o valor total da produção 200 contos..."

ERNESTO LASSANCE CUNHA (2008 [1908], p. 126)



"A festa correu fria, limitando-se a dois bailes na casa da câmara municipal, em duas noites seguidas, e a um banquete, em casa do finado Francisco de Paula e Silva, onde foi hospedado o vice-presidente. Assistimos a esse banquete, onde fez as honras da mesa um vinho delicioso, preparado na colônia Silveira Martins e por amor do qual ficaram desprezados os Bordeaux, Porto, Xerez e outros."

HEMETÉRIO VELLOSO DA SILVEIRA (2008 [1909], p. 132)



"A alguma distância, encontram-se as colônias de Silveira Martins, Nova Santa Cruz, Cerro Branco, Conceição e Pau a Pique. As terras dos campos são boas e se pode adquiri-las à razão de 50 a 80 contos, a milha quadrada."

PAUL WALLE (2008 [1910], p. 134)

"Agricultura: A uberidade das terras tem provocado a formação de muitos núcleos coloniais, sobressaindo os de Silveira Martins, Nova Santa Cruz, Conceição, Pau a Pique, Philippson, Toropi, Cerro Branco etc. A vinicultura está bastante desenvolvida e os vegetais mais cultivados são as videiras, trigo, arroz, feijão, tomates, milho, fumo, alfafa, cana, mandioca etc. A agricultura ocupa mais de 10.000 hectares."

RAMON MONTE DOMEQ' (2008 [1916], p. 150)



"O serviço telefônico é regular, havendo na cidade 205 assinantes. A rede da mesma companhia está ligada com os distritos de São Pedro, Silveira Martins, São Martinho e será, proximamente, com a vila de São Sepé, sede do mesmo município. A agricultura progride admiravelmente em todo o município, especialmente em São Pedro e Silveira Martins, que é o seu segundo celeiro."

ANTENOR MORAES (2008 [1917], p. 155)



"A indústria agrícola é muito desenvolvida, especialmente nos centros coloniais Silveira Martins e Pinhal. Os produtos mais notáveis são o milho, o feno, batatas, feijão, arroz e uva. Também a cultura do trigo vai-se incrementando nesses anos. [...] Da produção vinícola, não consegui obter uma cifra precisa, mas é certo que suficiente para o consumo local. [...] A colônia italiana de Santa Maria é verdadeiramente importantíssima, contando com trinta mil imigrantes italianos, os quais, na sua maior parte, são agricultores assentados na colônia de Silveira Martins. Os demais são comerciantes, industriais e artesãos. As condições econômicas de toda a coletividade são ótimas: existem muitas riquezas importantes, muitíssimas mais modestas e, no conjunto, todas em feliz estado de prosperidade."

ALFREDO CUSANO (2008 [1920], p. 169)



"A Companhia Santa-Mariense de Luz Elétrica fundada em 1898 é também concessionária de uma rede telefônica que serve à cidade e liga-a à Estação Colônia, a Silveira Martins, a São Martinho e a São Pedro."

JOÃO BELÉM (2008 [1933], p. 208)

"Pela sua situação geográfica, a cidade de Santa Maria é uma sede de uma Diretoria Geral regional dos Correios e Telégrafos. São servidos por agência postal as seguintes vilas e povoados: Dilermando de Aguiar, Estação Colônia, Silveira Martins, S. Martinho e Boca do Monte. O município possui duas estações telegráficas, sendo uma na cidade e outra na vila de Silveira Martins."

LUIZ PEREZ (2008 [1938], p. 231)

NOTAS

1. Extraídos de MARCHIORI, J. N. C.; NOAL FILHO, V. A. Santa Maria: relatos e impressões de viagem. 2 ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.
2. Nota dos organizadores: Porto Alegre-Uruguaiana.

PARTE 2



Rubi pegou êste rato.
Rubi não come rato.
O gato é rajado.

rato
rabo

Ra ra

rato
rajado

Ru ru

FRAGMENTOS DE UMA MEMÓRIA ESCOLAR EM SILVEIRA MARTINS

AMANDA ELOINA SCHERER

Para nós, é impossível dissociar ensino, pesquisa e extensão na universidade pública. Eles formam uma tríade inseparável. Sem ensino e sem uma reflexão teórico-crítica, não há como fazermos extensão. E tudo em uma prática política que reconhece todas e todos como artífices, inventores de um mundo mais sensível, sobretudo respeitoso às várias maneiras de existência do humano. Para nós, não existe um mundo único, ao mesmo tempo, não somos uniformes em nossas práticas de pertencimento. No ensino, estamos sempre ressignificando o que somos; na pesquisa, temos a responsabilidade de respeitar outros pontos de vista, sempre alicerçados na relação dialética entre teoria e prática. Já na extensão, pela ressignificação do que somos com uma leitura teórica de base sólida, conseguimos nos libertar das amarras dos pré-julgamentos, proporcionando novos argumentos para produzirmos novas leituras na produção do conhecimento já instado pelo real.

Quando propusemos o projeto *A memória escolar no distrito de Silveira Martins entre 1935 a 1978: o caso das escolas municipais rurais* (PRE/UFSM/2024), sabíamos que as dificuldades seriam muitas e, por nossa experiência diária, desde sempre, com projetos de ensino, pesquisa e extensão, sabemos que nada é linear no desenvolvimento do projeto, qualquer que ele seja, quase nada segue um caminho determinístico. O previsível está nos argumentos do projeto, no entanto, a prática é da ordem do exploratório, pois envolve saltos, recuos, paradas. E não foi diferente com o projeto em questão. Foi um ir e vir constante, foi um trabalho em parcerias múltiplas, heterogêneas em pontos de vista. Podemos afirmar que o número 03 da **Coleção Memórias Infinitas** diz muito de nós todas e todos. Diz de nossas paradas, de nossos saltos e de nossos recuos. Diz muito de uma região designada como o Berço da Quarta Colônia, um território ainda com muitas histórias para serem contadas, com muito patrimônio material/imaterial a ser explorado para produzirmos mais e mais conhecimento sobre o que somos e pertencemos.

Por outro lado, projetar uma possível historicização no processo de constituição escolar na região de Silveira Martins, antes de sua emancipação, enquanto distrito de Santa Maria, não foi uma tarefa fácil e nos demandou um exercício emancipatório imenso sobre como poderíamos esboçar tal traçado. Sabemos que trabalhar com documentos públicos (e mesmo privados) demanda um esforço ético e político sem precedente sobre o dizer histórico. E desde que formulamos (e registramos no Gabinete de Projetos do Centro de Artes e Letras — GAP/CAL/UFSM —, sob o n° 061684) o Projeto de Extensão *A memória escolar no distrito de Silveira Martins entre 1935 a 1978: o caso das escolas municipais rurais* em março de 2024, sabíamos que nosso trabalho seria com muitas idas e vindas, como já enunciamos. E elas foram muitas, não só no seu efeito metafórico. Boa parte delas pelo tipo de material disponível sobre nossa questão.

E mais, tínhamos dois municípios envolvidos: o primeiro, Santa Maria e o segundo, Silveira Martins. Todos os dois com suas políticas arquivísticas. Todos os dois partícipes – administrativamente – na construção e na constituição de um dar a ver e de um dizer sobre a escola e a profissão docente, em especial, aquela das primeiras letras (no jargão usualmente aceito), em uma época distante da atual. Não só temporal, do hoje e agora, mas, e sobretudo, por materialidades outras de documentação existente – ainda não digitalizadas – e de difícil acesso no sentido de seu manuseio propriamente dito. Muitos dos documentos têm mais de 100 anos de existência e estão empobrecidos materialmente pelo tempo. Foi preciso outrossim respeitar o tempo de tais documentos para entendermos sobre a urgência de uma política de guarda mais promissora.

Um primeiro dado impositivo em nosso projeto foi o **Decreto Executivo Municipal de Santa Maria, n. 21/74 de 02/04/1974**, que conseguimos via um levantamento inicial e que nos levou, inclusive, à datação constante do título do projeto. Desse modo, sabíamos de antemão que, em Silveira Martins, antes de sua emancipação propriamente dita, tínhamos como direção a existência de 15 escolas isoladas rurais, entre 1935 até 1978, ou seja, escolas públicas (aqui, nesse terceiro número, é sobre elas que iremos tratar). Todas elas em zonas rurais e em espaços preponderantemente centrais que, historicamente, estavam atrelados à chegada das primeiras famílias de “colonos italianos”, como no dizer local. Podemos afirmar, hoje, depois de um reconhecimento de tais espaços, que cada escola estava igualmente acompanhada de um primeiro esboço urbano seguindo a mesma linha or-

ganizacional: uma construção na forma de uma capela religiosa (católica), um local de recreação e ainda um cemitério. A vida social tinha por eixo o esboço referido e a escola seria aquela parte integrante de uma tríade por demais promissora na cultura local.

Sabíamos, a partir do **Decreto Executivo Municipal de Santa Maria, n. 021/74 de 02/04/1974**, que as escolas no Distrito de Silveira Martins seriam as seguintes: 1) Escola Municipal Isolada (doravante EMI) Maria Catarina Schneider; 2) EMI Professor Angelo Branco; 3) EMI Professor Laurindo Brocardo; 4) EMI de Vale dos Panos; 5) EMI de Faxinal da Palma; 6) EMI Profa. Helena Bertóia Machado; 7) EMI de Pillon; 8) EMI D. Pedro II; 9) EMI de Linha Seis Norte; 10) EMI de Linha Base II; 11) EMI de Linha Três Sul; 12) EMI Osvaldo Cruz; 13) EMI de Linha Um Sul; 14) EMI de Linha Dois Norte; 15) EMI Benvindo de Sales. Portanto, a partir de tais informações projetamos uma linha temporal (ano de criação das referidas escolas) e, ainda por objetivo, a localização de cada uma. A partir de tal traçado (temporal e de localização), nossa segunda meta seria fazer um levantamento (inicial) de seus professores, da mesma forma, materiais de ensino, seu espaço físico, enfim um possível vestígio documental para depois projetarmos um trabalho extensionista.

No entanto, depois do projeto registrado e em andamento, tomamos conhecimento de um outro documento, o **Decreto Executivo Municipal de Santa Maria, n. 20/80 de 11/03/1980**, nele com outras escolas, ignorando algumas que estavam no Decreto anterior e nos indicando datas de fundação. Em tal Decreto, as escolas no Distrito de Silveira Martins seriam as seguintes:

Quadro I: Relação de escolas e datas de fundação

EMI Maria Catarina Schneider	não aparece mais
EMI Professor Angelo Branco	ano de fundação 1960
EMI Professor Laurindo Brocardo	não há informação
EMI de Vale dos Panos	ano de fundação 1959
EMI de Faxinal da Palma	não aparece mais
EMI Profa. Helena Bertóia Machado	ano de fundação 1945
EMI de Pillon	ano de fundação 1962
EMI D. Pedro II	não aparece mais
EMI de Linha Seis Norte (II)	ano de fundação 1950

EMI de Linha Base II		ano de fundação 1962
EMI de Linha Três Sul	01/08/35	ano de fundação 1935
EMI Osvaldo Cruz		não aparece mais
EMI de Linha Um Sul		ano de fundação 1953
EMI de Linha Dois Norte		ano de fundação 1945
EMI Benvindo de Sales		não aparece mais
EMI Benjamin Constant	12/04/35	ano de fundação 1935
EMI Linha Quarto Norte		ano de fundação 1940

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como vemos, estávamos vivendo o que Roudinesco (2006)³ coloca em toda a experiência de trabalho com arquivo, ou seja, a falta e o excesso, melhor dizendo, seus dois limites, aquele da interdição de um saber total e aquele da interdição da soberania interpretativa de um eu. O que tínhamos entre um decreto e outro, eram outros dados, inclusive com 5 escolas (EMI Maria Catarina Schneider; EMI de Faxinal da Palma; EMI Osvaldo Cruz; EMI D. Pedro II; EMI Benvindo de Sales), que não são mais citadas, e duas outras, novas. E com uma nova informação interessante, aquela do ano de criação de muitas delas. Foi preciso verificar Decreto por Decreto e ainda identificar cada uma delas nos arquivos disponíveis.

É preciso dizer que tínhamos como objetivo, do mesmo modo, além de traçar a história e memória da vida escolar da região de Silveira Martins, tentar recuperar os objetos que fizeram parte daquilo que a pedagogia da Escola Nova vai considerar como fundamental para o ensino e a aprendizagem da leitura e das primeiras noções de aritmética aos pequenos em fase escolar. Dessa feita, com o apoio das professoras aposentadas (sim, uma profissão por demais feminina, naquela ocasião) começamos um primeiro trabalho para tentar entender tal história, e mais, foi graças a elas que conseguimos vários materiais de extrema importância enquanto objetos de saber, tais como os primeiros livros para ler, escrever e calcular (ou cartilhas), os cadernos de chamada, os relatórios enviados às autoridades institucionais, ábacos, fotos de época, etc. Isso tudo, além daqueles documentos que colhemos via um levantamento preliminar na secretaria da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Frederico Savegnago, na Vila Cattani, em Silveira Martins.

3. ROUDINESCO, Elisabeth. **A análise e o arquivo**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

Ainda, da mesma maneira, um elemento importante a ser considerado ao tratarmos da historicização escolar em Silveira Martins: seria possível enlaçar, com os demais objetivos, um estudo sobre a relação do lugar da língua em tais escolas? Nosso interesse está tomado pela problemática das identificações linguísticas e culturais ditas italianas em tal município. Se as escolas estariam presentes desde a chegada dos primeiros imigrantes, como tal problemática poderia manifestar-se no tempo presente, ou ainda, existiria um vestígio material? Aos poucos fomos nos dando conta de que, na documentação disponível, não compareciam dados sobre as chamadas escolas italianas e as escolas de congregações religiosas, pois o referido arquivo da/na EMEF João Frederico Savegnago dizia respeito à escola pública, embora soubéssemos que, no final do século XIX, “tínhamos também escolas italianas, com público significativo, em Alfredo Chaves, Antônio Prado, Bagé, Bento Gonçalves, Caxias, Encantado, Estrela, Garibaldi, Guaporé, Jaguarão, Lajeado, Pelotas, Porto Alegre, Silveira Martins” (MAESTRI, 2000, p. 93)⁴. Em vista disso, acabamos nos dando conta, a partir de leituras sobre o lugar da escola (MAESTRI, 2000; GIRON, 1998⁵; entre outros) em zonas de colonização que a primeira configuração de ensino formal que existiu na Colônia Italiana de Silveira Martins foi a Escola Particular Italiana, mais conhecida como Escola Colonial. Tal escola fazia parte daquelas conhecidas como escolas étnicas-comunitárias, quase sempre rurais, vinculadas às Associações de Mútuo Socorro, mas quase sempre mantidas pelas famílias. Em Silveira Martins pelo que conseguimos levantar seria a Escola Colonial Italiana (LUCHESE; KREUTZ; XERRI, 2014)⁶. Aliás, para Luchese (2010, p. 1-2)⁷:

As escolas étnicas eram ‘aulas’ elementares - ensinavam as noções básicas de escrita, leitura e cálculo que, na maioria dos casos, eram instituídas por iniciativa das próprias comuni-

4. MAESTRI, Mário. **Os Senhores da Serra: a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875 - 1914)**. Passo Fundo: UPF, 2000.

5. GIRON, Loraine Slomp. Colônia Italiana e Educação. **Revista História da Educação**, Pelotas, n. 3, v. 2, set. 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30691/pdf>.

6. LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio; XERRI, Eliana Gasparini. Escolas étnico-comunitárias italianas no Rio Grande do Sul: entre o rural e o urbano (1875 – 1914). **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 211-221, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/22176>

7. LUCHESE, Terciane Ângela. Escolas técnico-comunitárias italianas mantidas por Associações de Socorro Mútuo: circulação e produção cultural da “italianità”. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 2010, Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em: https://www.uces.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico3/Escolas_etnico_comunitarias_italianas_mantidas.pdf

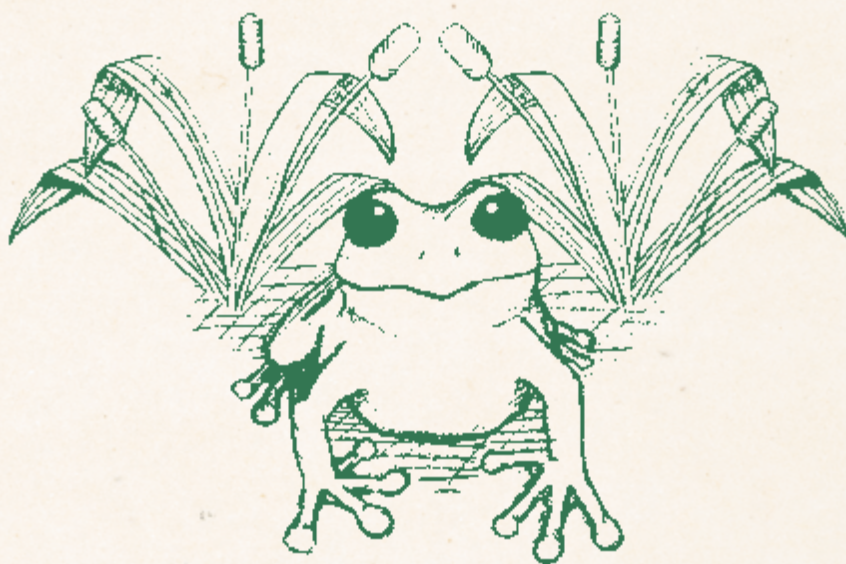
dades. As que funcionavam na zona urbana, em geral, foram resultado do empreendimento das Sociedades de Mútuo Socorro. As rurais, erigidas pelas próprias famílias da comunidade que, mediante a inexistência de escolas públicas ou pela própria distância, escolhiam o professor entre aqueles moradores que era um pouco mais instruído.

Por exemplo, para Giron (1998, p. 104), a autora considera que "o papel da 'escola italiana' foi muito importante na manutenção da língua e do culto da Itália como a pátria dos filhos dos imigrantes". Elas eram conhecidas por "escolas italianas", isto é, escolas privadas que ensinavam em língua italiana, muito embora tivessem uma vida curta, elas foram importantes para firmar um compromisso (simbólico) de pertencimento a uma pátria dita italiana. Para Giron, os professores, no final do século, naturalizaram-se e passaram a lecionar nas escolas públicas. E, segundo ela (GIRON, 1998, p. 92), ao longo da primeira década do século XX, estas aulas foram desaparecendo pela dificuldade financeira dos pais e pela política do estado em ofertar o sistema escolar em outras modalidades. Um outro dado a ser considerado pelo desaparecimento das "escolas italianas", seria o fato de, a partir de meados de 1890, haver um grande crescimento nas iniciativas de instalação, na região, de congregações religiosas. E entre 1910 e 1940, o que vemos é um processo crescente para a implementação de escolas rurais isoladas públicas, como foi o caso das nossas em estudo e igualmente aquela que já estudamos em projeto anterior como foi o caso do Colégio Bom Conselho (2021)⁸.

Para nós, ao final de dois anos de nosso projeto, podemos afirmar que a escola é um espaço de formação e de manutenção de laços afetivos, políticos e econômicos e que ela nos coloca frente ao fato que, para historicizá-la, não basta ordenação cronológica, reconhecimento do espaço e os nomes dos professores. Além disso, para nós, o mais importante na referida historicização, foi a escuta dos envolvidos, o tratamento dado à própria noção de arquivo, além da sensibilidade à fragilidade ao manusear documentos corroídos pelo tempo.

8. **Coleção Memórias Infinitas**, n. 1, v. 1. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Centro de Artes e Letras (CAL/UFSM). Centro de Documentação e Memória (CDM/UFSM). Santa Maria, 2021. Disponível em: <https://cdmufsm.com.br/publicacoes/co-lecao-memorias-infinitas/>.

PARTE 3



O sapo coaxa.

sapo
sa

coaxa
xa

sapo
sala

sopa
sola

xará
xarope

xoxo
roxoxo

UM RECORTE NA MALHA DO TEMPO: AS ESCOLAS RURAIS DE SILVEIRA MARTINS

VICTORIA HELOINA ALMERON LOPES DOS SANTOS⁹

ERICK DE QUEIROZ BRITTES¹⁰

Não havia um rumor naquela casa solitária. Estava muda e soturna na plena mudez desolada do campo. Longo tempo permaneceu assim, longos minutos passaram por todo um silêncio inviolável até que uma velha porta se abriu rangendo desengonçada, pó e ferrugem...

(CALLAGE, 2004, p. 76)

SOBRE O MUNICÍPIO DE SILVEIRA MARTINS/RS

Silveira Martins faz parte do que outrora chamou-se de *Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul*. De acordo com Fernalti (2011)¹¹, Gaspar Silveira Martins, político cujo nome foi atribuído ao atual município de que tratamos, ligado ao pensamento liberal e capitalista do final do século XIX, desempenhou um papel importante para a vinda de mão de obra estrangeira à então chamada Província de São Pedro (hoje estado do Rio Grande do Sul). O atual território de Silveira Martins fazia parte do território de Santa Maria da Boca do Monte, como a cidade era chamada, recebendo a nomeação de *Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte* até ser nomeada, em 1878, *Colônia de Silveira Martins*. Deve ser ressaltado que a mudança de nomeação tem em seu fundo uma série de movimentos políticos que levaram ao próprio ato da homenagem a um político liberal que era a favor, aliás, do Estado laico. Silveira Martins foi a sede da Quarta Colônia, a mesma que contém em seu seio o distrito de Vale

9. Bacharela em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria e mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição e colaboradora do Centro de Documentação e Memória. victoria.lopez@acad.ufsm.br

10. Licenciado em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria, colaborador do Centro de Documentação e Memória. erick.brittes@acad.ufsm.br

11. FENALTI, Naiani Machado da Silva. **Gaspar Silveira Martins e o município "Silveira Martins"**: memória, identidade e patrimônio. 2011. 134 p. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.

Vêneto, que trouxe padres da Itália e que entrou em embates com a sede dada a questão religiosa. Mais ainda, havia a questão de Gaspar Silveira Martins ser maçom. Contudo, Fenalti (2011, p. 45) observa que

Gaspar Silveira Martins era visto como Monarquista, amigo pessoal do Imperador D. Pedro II, o que pode ter contribuído para sua aceitação pelos católicos, já que o Império era agradável aos imigrantes católicos, uma vez que os republicanos que agiram na Itália pela unificação eram vistos como anticlericais, como, por exemplo, Giuseppe Garibaldi, adorado por anticlericais e maçons, e não estimado pelos católicos.

A figura de Gaspar Silveira Martins é central para entendermos o rumo que tomou a Colônia de Silveira Martins, já nomeada como tal. Antes de haver a entrada de imigrantes italianos, chegaram russo-alemães ao estado, que eventualmente desistiram, dando abertura aos italianos que, dadas as condições precárias de vida da população e as intensas mudanças ocorrendo na Itália no final do século XIX, vieram ao Brasil com incentivo do Império, que lhes distribuiu lotes de terra para construírem e trabalharem. A dissertação na qual nos baseamos para realizar tais comentários, de Naiani Fenalti, ainda aborda as dificuldades dos colonos frente a essa ocupação das terras e o fato de que esse "incentivo" do Governo Imperial não era o bastante para manter as famílias de imigrantes.

Vindos do Norte da Itália, os imigrantes ocuparam as terras que lhes foram dadas, formando as atuais *linhas*, sendo elas: Linha Base; Linha Um Sul; Linha Duas Norte; Linha Três Sul; Linha Quarta; Linha Seis Sul; Linha Seis Norte; Linha Sete Sul. Há, além das linhas, localidades que, em geral, recebem os nomes das famílias que nelas se estabeleceram: Val Feltrina, Val de Buia, Linha dos Mantuanos, Vila Cattani, Val Veronês, Linha Pompéia e Vale dos Panos. Além de haver uma capela em cada comunidade, também era fundamental um local onde estas pudessem se reunir. Dadas essas informações, acreditamos também que em cada linha havia, pelo menos, uma escola de ensino primário rural, as quais ou mudaram de nome durante as reformas do ensino da era Vargas ou foram extintas pelo processo de nuclearização e emancipação do município.

SOBRE AS ESCOLAS RURAIS

Antes de apresentarmos as escolas que faziam parte do município de Silveira Martins entre 1935 e 1978 cabe expormos as nossas principais inquietações sobre os dados que ora se mostravam ausentes, ora contraditórios. Entendemos que mesmo tendo nosso *corpus* delimitado em um eixo temporal muito específico, precisaríamos, antes de tudo, entender o contexto geral das escolas, isto é: quando essas escolas surgiram? Qual foi a primeira escola de que se tem conhecimento? O que era ensinado para as crianças e de que forma esse ensino ocorria? E, conseqüentemente: por que essas escolas fecharam e quando? À medida em que fomos em busca dessas respostas, encontramos alguns recortes da história que acabavam não se complementando (tanto sobre o contexto escolar da região quanto do município), porém, também encontramos caminhos que nos permitiram reunir dados para tentar formular uma linha do tempo e contar essa história.

Desde que a então Colônia de Silveira Martins recebeu tal nomeação, alguns nomes¹² tomaram sua frente; contudo, há histórico de abstenção da sede da Quarta Colônia para a busca, por exemplo, pela vinda de padres italianos que mantivessem a fé católica entre os imigrantes. Para além de uma questão da fé dos próprios colonos, também havia, em tempos de Império, algo de político em manter, a título de exemplo, uma capela no centro das comunidades. Em vista disso, vemos com Lenz, De David e Batista (2020) que os imigrantes italianos que se estabeleceram na região trouxeram consigo “uma bagagem cultural e religiosa Cristã”, fazendo com que a educação da região fosse influenciada pelo ensino católico por meio dos institutos religiosos, como o das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, que fundaram a Escola Nossa Senhora de Lourdes em 25 de julho de 1892 em Vale Vêneto. No entanto, conforme Brandão (1958, p. 75), “a primeira escola da ex-colônia Silveira Martins foi criada em 1884 e era regida pela professora Maria Carolina Schneider”, o que não nos diz exatamente se havia alguma ligação de fato com alguma instituição religiosa. Já Medeiros (2017) aponta que, em 1884, a ex-colônia de Silveira Martins ainda sofria com a falta de escolas públicas e, por isso, a implementação do ensino na localidade se tornou prioridade para a Diretoria Geral de Instrução Públi-

12. Como é o caso do engenheiro Guilherme Greenhalg, “que fez a medição” (Fenalti, 2011, p. 36) dos lotes de terra de Silveira Martins.

ca. Dessa forma, duas escolas foram abertas na região: uma mista na sede, sob a regência da professora Maria Carolina de Lemos Scheneider, e outra escola mista em Vale Vêneto, regida por Joaquim Maisonette. Sendo assim, a primeira escola da região de Vale Vêneto teria sido, na verdade, uma escola municipal. A única ligação religiosa envolvida nesse processo era a comprovação do credo religioso para que o professor pudesse exercer sua função. A professora Maria Carolina de Lemos Schneider foi removida da segunda aula mista da sede em 1985 e assumiu a terceira cadeira mista do mesmo núcleo colonial, em Vale Vêneto.

Em 1886, Silveira Martins é desmembrada e uma parte de seu território passa a pertencer às localidades de Julio de Castilhos (antes chamada de Vila Rica), Cachoeira e Santa Maria. Com isso, a então Colônia de Silveira Martins passa a ser chamada de 4º Distrito de Santa Maria ou, ainda, ex-Colônia de Silveira Martins. No mesmo ano, é criada na sede uma escola masculina, sob a regência do professor Manuel Joaquim Pinheiro. No entanto, em novembro desse mesmo ano, ele entrou em licença para tratamento de saúde e só retornou no ano seguinte. Em 7 de março, a escola foi temporariamente fechada devido a uma epidemia de varíola no distrito. O professor Manuel Joaquim continuou com problemas de saúde e, em maio, foi removido para a localidade de Tronqueiras. Conforme Medeiros (2017, p. 187)¹³:

“As licenças para tratamento de saúde eram frequentes entre professores e conclui-se que, muitas vezes, no decorrer dessas licenças as aulas permaneciam inativas considerando a ausência de informações sobre professores substitutos e a menção ao fechamento temporário de aulas.

A autora também aponta que, em 1887, o professor Benvindo Pirez de Salles assumiu a escola masculina, uma vez que o antigo professor precisou se ausentar por problemas de saúde. No ano seguinte, o Distrito sofreu com enchentes que provocaram inundação na região e, em 1889, devido a uma epidemia de sarampo e a uma “moléstia de olhos”, as escolas das colônias foram temporariamente fechadas entre março e abril. Segundo Medeiros (2017, p. 188) uma escola masculina e duas escolas mistas funcionavam em

13. MEDEIROS, Elisabeth Weber. **A instrução pública em Santa Maria da Boca do Monte no século XIX: história e memória.** Santa Maria: Câmara dos Vereadores, 2017.

Silveira Martins no final do Segundo Reinado. Aliás, seis anos após a Proclamação da República, no ano de 1898 ocorre um primeiro pedido de emancipação de Silveira Martins à condição de município, que foi negado por Borges de Medeiros, então Presidente do Estado.

Por volta de 1970, houve um processo de nuclearização das Escolas Isoladas Rurais para escolas maiores, com o intuito de fornecer mais subsídios para a manutenção do ensino. As escolas de Silveira Martins eram, em sua maioria, Escolas Isoladas Rurais, nas quais as classes eram multisseriadas, ou seja, as turmas eram separadas por alunos de idades e níveis de ensino diferentes, tendo uma única professora para ministrar as aulas. Essas escolas ficavam longe da sede da cidade e eram compostas apenas por uma sala de aula. Conforme o professor Rodrigo Moro Savegnago, em entrevista com o Centro de Documentação e Memória realizada em 2024, as professoras na época não tinham uma formação específica e eram enviadas pelo governo para ministrar aulas pelo período de seis anos sob as condições de não criarem vínculos na cidade, sendo as escolas, muitas vezes o mesmo lugar em que essas professoras moravam. Ainda conforme o professor, algumas famílias ofereciam abrigo para essas professoras. Em concomitância ao processo de nuclearização das escolas em território nacional, em Silveira Martins ocorreu a emancipação do município, influenciando nesse processo que, ao que tudo indica, começou tendo duas escolas núcleos. Será, portanto, somente no final do século XX, em 1987, com a Lei estadual 8481/1987, que Silveira Martins passa efetivamente ao estatuto de município. Vejamos o *Quadro II*:

Quadro II: Escolas Isoladas Rurais de Silveira Martins

Escola	Linha	Fundação	Encerramento /desativação	Data de mudança de nome
Escola Municipal Linha Um Sul	Linha Um Sul	01/03/1953	1989, reafirmado pelo Decreto 063/94	

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Valentin Zambonato	Linha Duas Norte	01/03/1884	06/12/1988	
E. M. I. Linha Três Sul	Linha Três Sul	1935	2005 – Decreto 005/2005	1984 – Escola Municipal de 1º Grau Incompleto de Linha Três Sul (Portaria 55055/84 da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul).
Escola Municipal de Linha Base/Divino Espírito Santo/ Ângelo Branco/ João Frederico Savegnago	Linha Base / Vila Catani	1960	Atual	1972 – Escola Municipal Isolada Professor Ângelo Branco (Lei municipal de Santa Maria n. 1600/72). 1977 – Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Prof. Ângelo Branco (Ofício 87/77 do Gabinete do Prefeito de Santa Maria) 1983 – Escola Municipal Isolada João Frederico Savegnago (Lei municipal de Santa Maria n. 2522/83). 1984 – Escola Municipal de 1º Grau Incompleto João Frederico Savegnago (Portaria 55055 de 1984 da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul). 1994 – Escola Municipal de 1º Grau João Frederico Savegnago (Decreto 021/94 da Prefeitura de Silveira Martins). 2000 – Escola Municipal de Ensino Fundamental João Frederico Savegnago (Lei municipal de Silveira Martins n. 493/2000).
Escola Municipal Isolada de Linha Seis Norte	Linha Seis Norte	01/03/1950	1997 – Decreto 037/97	1984 – Escola Municipal de 1º Grau Incompleto de Linha Seis Norte (Portaria 55055/84 da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul). 1985 – Escola Municipal João Buligon (Lei municipal de Santa Maria n. 2735/85).
Escola Municipal Isolada Linha Quarta Norte	Linha Quarta Norte	01/03/1940	04/03/1991 – Decreto 004/94	
Escola Isolada Municipal de Linha Seis Sul/Dom Pedro II	Linha Seis Sul	01/03/1930	30/04/1997 – Decreto 037/97	1974 – E. M. I. Linha Seis Sul. 1984 – Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Dom Pedro II (Portaria 55055/84 da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul).

Escola Municipal Isolada de Linha Base II/Ângelo Branco	Linha Base II	1962	1994 – Decreto 004/94	1962 – E. M. I. de Linha Base II (Decreto 064/84 de Santa Maria). 1983 – Escola Municipal Professor Ângelo Branco (art. 2º da Lei municipal de Santa Maria 2522/83).
Escola Municipal Isolada Prof. Helena Bertóia Machado	Val Feltrina	1945	1997 – Decreto 037/97	
Escola Municipal Isolada de Vale dos Panos	Vale Dos Panos	01/03/1959	31/12/1992	
Escola Municipal Isolada Benvindo de Sales	Val de Buia	01/03/1925	03/12/1992, reafirmado pelo Decreto 004/94	Mudou para E. M. Prof. Maria Luiza Colasso Noal entre 1985 e 1990
Escola Municipal Isolada Professor Laurindo Brocardo	Marco 50	01/03/1953	04/03/1994 Decreto 004/94	
Escola Municipal Isolada Professor José Maffini	Linha dos Mantuanos	01/03/1946	06/12/1993 Decreto 004/94	
Escola Municipal Reunida Maria Carolina Schneider	Val Veronês	01/03/1886	1997 – Decreto 037/97	
Escola Municipal de Linha Sete	Linha Sete Sul	01/03/1930	31/12/1992	

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Já expusemos algumas versões do *Quadro 1* que se encontra nas páginas anteriores em Brittes, Santos e Scherer (2025)¹⁴ e Santos, Viera, Brittes e Scherer (2025)¹⁵; o que aqui trazemos é sua versão mais atualizada. Destacamos que algumas escolas listadas não pertenciam ou passaram a não pertencer ao município de Silveira Martins, mas foram listadas em docu-

14. BRITTES, Erick de Queiroz; SANTOS, Victoria Heloína Almeron Lopes dos; SCHERER, Amanda Eloína. Os primeiros traçados de uma possível cartografia escolas: o caso das antigas escolas rurais em Silveira Martins (RS). In: BEVILACQUA, Morgana Mello *et alii* (org.). **Território Imembuy**: geoparques: ações de extensão da UFSM. 1ed. Santa Maria: Editora da PRE, 2025. p. 144-155.

15. SANTOS, Victoria Heloína Almeron Lopes dos; VIERA, Rafaella Barbieri; BRITTES, Erick de Queiroz; SCHERER, Amanda Eloína. Alguns modos de constituição de sentidos sobre a escolarização no berço da quarta colônia de imigração italiana. In: PFEIFFER, Claudia Castelhanos *et alii* (org.). **Afetos e efeitos em torno de Mariza Vieira da Silva**. 1ed. Cáceres: Editora Unemat, 2025. p. 204-224.

mentos oficiais por pertencerem ao 4º Distrito, como é o caso das escolas de Vale dos Panos, Faxinal da Palma, Pilão e Benjamin Constant. Essa confusão ocorre, conforme Jairo Nicoloso¹⁶, ex-prefeito do município de Silveira Martins, pois a 4ª região partia de Silveira Martins e se estendia até Palma e o trevo do Pilão. Ainda segundo Nicoloso, em 1964/65, quando houve uma primeira emancipação, todo o 4º Distrito estava organizado em favor desta, com exceção da "parte de baixo" que não queria a emancipação: "Faxinal da Palma, Vale dos Panos, aquela parte toda ali não queria saber disso, eles não queriam subir, entraram com um mandato de segurança, tinham uma força muito grande no governo na época e derrubaram. Nesta última, que começou em 1987, houve um acordo: 'você ficam de fora', por isso que mexeu no desenho", relata o ex-prefeito.

O exemplo de Jairo Nicoloso é um dentre tantos outros das complicações que o trabalho com o arquivo pode apresentar a qualquer sujeito que se proponha a historicizar um lugar, uma instituição, um fazer, como aquilo que empenhamo-nos em fazer com este texto: por mais que realizemos adequações, atualizações, adições, subtrações, continuaremos nos deparando com os desafios que o arquivo nos oferece, em sua falta ou em seu excesso, conforme vemos com Roudinesco (2006)¹⁷. Dessa feita, as escolas que ora apresentamos são assim descritas após um extenso trabalho, que não cessa de ser realizado, e que tem como ponto de partida abrir portas enferrujadas, como na prosa de Callage (2004)¹⁸ que epigrafa este texto, por vezes de forma literal.

16. Entrevistado pela equipe do Centro de Documentação e Memória em 24 de julho de 2024.

17. ROUDINESCO, Elisabeth. **A análise e o arquivo**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

18. CALLAGE, Roque. **Prosas de ontem**: escombros. Santa Maria: Editora da UFSM, 2004.

PARTE 4



O caminho da direita

Um coelhinho saiu pela estrada.
Queria visitar seus avós, seus pais e seus
irmãos.

A certa altura a estrada se dividia em três
ramos: um para frente, um para direita e
um para esquerda.

○ TEMPO NAS ESCOLAS: MEMÓRIAS DE UMA EX-ALUNA

*JULIANA SCARIOTTI CIELO*¹⁹



Fotografia de Victoria Heloina Almeron Lopes dos Santos, 13 nov. 2025, em visita à Dona Vilma.

As antigas escolas rurais (ou o que ainda resta delas) guardam mais do que pedaços de madeira e tijolos. Em cada sala de aula, ecoam vozes, ensinamentos, passos apressados e restos do que um dia foram espaços de aprendizado. Foi nesse cenário que visitamos as antigas escolas rurais da cidade de Silveira Martins/RS, lugares que marcaram gerações e que continuam a representar parte essencial de nosso patrimônio cultural. Durante as visitas, o cheiro da madeira e o som dos morcegos pareciam trazer de

19. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural (UFSM), integrante, pesquisadora e arquivista do Centro de Documentação e Memória.

volta memórias de um tempo passado em que as escolas desempenhavam um papel central na comunidade. Em uma das escolas ainda havia móveis usados à época, como mesas e cadeiras. No decorrer do trabalho de campo, quem nos acompanhou nas visitas aos locais das antigas escolas foi a Senhora Vilma Dellamea Cielo, ex-aluna e também moradora do município.

Entre sorrisos e relatos, ela recordava o caminho até a sala de aula, das professoras exigentes e das dificuldades enfrentadas naquela época.

Vilma: "Eu ajoelhei no milho lá em Linha Duas, na porta do colégio, na frente ali, na porta. Botei o milho, ajoelhei no milho olhando para fora, quem passava na estrada enxergava, porque não fiz os temas".

Nascida em 1944, em Silveira Martins, Vilma recorda que iniciou seus estudos quando já estava com 10 anos de idade, na escola de Linha Duas Norte, ao lado, onde hoje é o salão da comunidade, em meados da década de 1960. Posteriormente, com a implementação da escola de Linha Um, continuou seus estudos ali, já que ficava mais próxima de sua residência. Ela traz nas lembranças um tempo marcado por dificuldades, especialmente quando comparado com a realidade atual. "Reviver esse passado é parte de uma relação interpessoal que permite visões diferentes e particulares, baseadas na experiência de cada indivíduo" (Haigert, 2005, p. 88)²⁰.

Cada história contada é um pedaço de todos nós e, além disso, como no dizer de Schmidt (1994, p. 92)²¹, "tudo que existe como história, existiu, um dia, como fato". Visitar essas escolas é também visitar quem fomos e entender como essas experiências moldaram a comunidade que somos hoje. As memórias de Dona Vilma carregam a simplicidade, a alegria e o medo de um tempo em que ir à escola era também uma aventura.

Vilma: "Tinha as gurias do Quatrin, moravam ali, nós íamos no colégio junto ou se encontrava lá onde tinha os eucaliptos, estavam cortando os eucaliptos e vinha os bois que iam pra lá, pra lá de Linha Duas, eu louca de medo me escondia embaixo dos galhos e as gurias de pé em cima da cerca e os bois

20. HAIGERT, Cynthia Gindri. Memória: do individual ao coletivo. In: Milder, Saul Eduardo Seiguer (org.). Lepa apresenta: educação patrimonial: perspectivas. Santa Maria: UFSM; LEPA, 2005. p. 85-111.

21. SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval. O passado, o mundo do outro e o outro mundo: tradição oral e memória coletiva. Imaginário, São Paulo, n. 2., p. 89-100, jan. 1995. Disponível em: <https://sites.usp.br/lab-ipusp/revista-imaginario/#memoria>.

passavam perto, eu tinha medo dos bois."

O caminho até a escola era feito a pé, pelas estradas de terra ou pelos atalhos entre as lavouras, o que levava em torno de meia hora ou até mais. Na escola de Linha Um, as aulas também aconteciam no sábado de manhã:

Vilma: "No sábado de manhã tinha aula, eu e minhas colegas, que eram mais três, nós parávamos no meio do caminho para brincar e não ia na aula, porque era sábado de manhã."

Suas lembranças revelam que a memória não é apenas individual, mas também coletiva, compartilhada e reconstruída por aqueles que ainda mantêm viva a história desses locais. Vemos com Portilho e Lopes (2021, p. 24)²² que "A memória busca tornar presente aquilo que estava ausente". Entre seus relatos, Dona Vilma também recordou que até a merenda tinha seu próprio ritual:

Vilma: "Uma sportinha... botava batata-doce assada e bergamota para a merenda".

A sporta era feita com palha de trigo e era trançada manualmente. A foto na página a seguir mostra uma sportinha semelhante à utilizada por ela, um objeto simples, mas que representa a rotina escolar e as dificuldades enfrentadas naquele tempo. Era ali que Vilma levava o lanche e os materiais escolares para as aulas.

Os relatos de Vilma fizeram com que o passado deixasse de ser apenas um registro distante e voltasse a ser uma experiência. Como aponta Rios (2013, p. 14)²³, esses relatos orais são meios privilegiados para a reconstituição histórica do passado. Ao caminhar por esses espaços, foi possível vivenciar um pouco de cada história contada e ver as mudanças causadas ao longo dos anos. Terrenos onde antes existiam escolas, hoje só restam espaços vazios tomados pela vegetação que cobre o que ainda sobrou.

As antigas escolas rurais de Silveira Martins não são apenas restos de

22. PORTILHO, Aline dos Santos; LOPES, Raimundo Helio. Mapa afetivo e de memórias: instrumento de educação patrimonial para reflexões sobre a memória e a história local. In: TEIXEIRA, Simone et alii (org.). Educação patrimonial: abordagens e atividades educativas com os patrimônios. Campos dos Goytacazes, RJ: EdUENF, 2021.

23. RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais. **INTRATEXTOS**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-22. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/view/7102/9367>.

construções, são testemunhos silenciosos de sonhos, medos, dificuldades, desafios e esperanças. Preservar esses espaços significa manter viva a memória de gerações passadas que construíram nossa trajetória.



Duas sportinhas que fazem parte do acervo de Dona Vilma (fotografia de Victória Almeron Lopes dos Santos, nov. 2025).

ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: ANOTAÇÕES DE UMA PROFESSORA

ANILCE MARIA FELTRIN SALA²⁴



Fotografia dos anos 70 cedida pelo Professor Lucas Visentini, em abril de 2026.

A Professora Helena Bertóia Machado nasceu em 06 de setembro de 1896. Chegou nesta localidade, Val Feltrina, em 1928, com 32 anos. Cur- sou o Supletivo e formou-se em Santa Maria. Chegou em Val Feltrina viúva onde lecionou pela primeira vez, sendo neste lugar, primeira professora a lecionar em português. Era muito dedicada, amava muito seu trabalho e tudo o que fazia. Tinha como lazer frequentar bailes, dançar, passear, an- dar a cavalo e tomar banho no fundão do Sala. Sua bebida preferida era o

24. Professora municipal aposentada (Silveira Martins)

vinho. Na época das colheitas gostava de apanhar uva onde compartilhava seu trabalho com os outros. Sua estatura era baixa. Costumava prender os cabelos enrolados atrás; vestia roupas claras e alegres. Tinha o rosto grande. Era mãe de três filhos: Artur, Ruthe e Aloísio, onde muito os amava. Não sabemos o ano que começou a lecionar. Eram muitas crianças, quando começou a dar aulas. Morava em casas de família, onde os pais começaram a fazer bancos e mesas para as crianças. Ficou neste lugar mais ou menos 10 anos e foi embora, indo para Val de Buia. A maioria dos alunos daqui, foi para Val de Buia também. Outros mais distantes ficaram. Novamente sem escola, mais ou menos de 8 a 10 anos. Mais ou menos nos anos 1945 e 1946 veio morar aqui o Senhor Ernesto Sachet, cuja esposa era professora. No ano de 1946, começou a dar aula aqui, a professora Maria Pereira Sachet. Ficou mais ou menos 2 anos indo para Val de Buia. Ela foi substituir a Maria Carlesso Noal. Sem aula outra vez. Promessas foram feitas de pontes, escolas, professores, estradas, etc. Foi ali que entrou a Iracema Sala. Foi lecionar onde morava o Josué Padoim. Trabalhou quatro anos. Na troca de subprefeito, ela caiu fora por politicagem. Foi construída a nova escola e a Iracema foi convidada para continuar, mas no dia da inauguração, veio a professora Cleci Beloquio a mando do subprefeito. Aqui já veio a nova escola de madeira. E quem tomou posse foi a professora Cleci Beloquio. E assim continuou com outras professoras.

PRIMEIRAS PROFESSORAS QUE CHEGARAM EM VAL FELTRINA

A primeira professora e catequista foi (1) Ofélia Lunardi Esguarcieire. Veio da Itália, lecionava em dialeto italiano, na sua própria casa, não tinha lugar adequado. Era uma mesa grande e todos os alunos ao redor. A segunda professora foi (2) Maria Mascarim Baggio – primeira em português. A terceira, (3) Helena Bertóia Machado, Santa Maria, professora e catequista ficou aqui mais ou menos 10 anos; (4) Maria Pereira Sachet – Santa Maria – de 3 a 4 anos; (5) Iracema Sala – Val Feltrina – 4 anos; (6) Geni Torri – Val Feltrina – natural daqui; (7) Cleci Beloquio – Silveira Martins; (8) Luiza Dalforno – Silveira Martins; (9) Odenir Padoim – Silveira Martins, (10) Cecília Daroda – Arroio Grande; (11) Vani Farencena – Arroio Grande; (12) Elói Lul; (13) Eloi Bastos – Santa Maria; (14) Nai Noal – Arroio do Meio; (15) Gládis Noal – Arroio do Meio; (16) Lenir Noal – Arroio do Meio; (17) Lurdes

Mofardini – Linha dos Mantuanos; (18) Eudes Refosco – Santa Maria; (19) Anilce Maria Feltrin Sala – Catequista; (20) Mariza Medianeira Franqui – Silveira Martins; (21) Marfiza do Nascimento – Santa Maria; (22) Silvia Fioreze – Silveira Martins; (23) Ivana Guerino da Silva – Silveira Martins; (24) Cleuza Balem Weber – Silveira Martins.

OBSERVAÇÕES:

1. O nome da escola:

a) Foi um encontro com o Senhor Albino Dalacorte e Vergílio Torri que o nome se colocaria na escola; a resposta foi a da primeira professora Helena Bertóia Machado.

b) O nome do idealizador da nova escola foi o Senhor Vergílio Torri, que muito trabalhou junto com a comunidade, não tinha escola para seus filhos.

c) Prefeito Luiz Alves Rolim Sobrinho

A escola foi criada por decreto 21/71 de 02 de abril de 1971 – Professora Helena Bertóia Machado. Denominada por lei N° 1309 de 04 de abril de 1968.

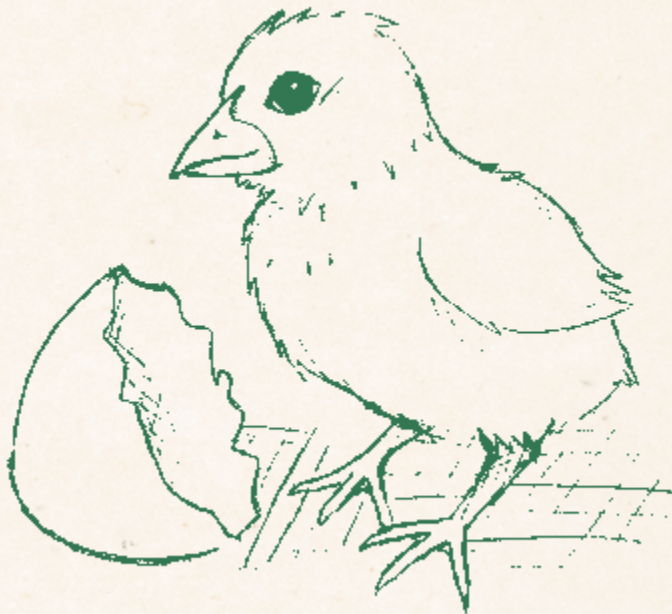
d) O quadro foi doado a escola, pelo Senhor Gabriel Bertóia, sobrinho de Helena residente em Santa Maria. O quadro veio através de uma ex-aluna Janete Padoim, que trabalhava na Distina Casa de Tintas, através do nome Bertóia e Janete falou da escola que trazia este nome, mas ninguém conhecia, a primeira professora de Val Feltrina.

2. Inauguração do quadro:

A inauguração do quadro deu-se no dia 16 de outubro de 1983. Na inauguração do quadro, fizeram-se presentes 48 pessoas. A Ata está na Escola da Vila Cattani ou na prefeitura, município de Silveira Martins. Naquele dia, foi servido um gostoso almoço na casa do Senhor Vicente Sala, para os parentes e amigos da Professora Helena Bertóia. Também pessoas da comunidade se fizeram presentes. À tarde, às 2 horas, foi a inauguração na Escola, onde se fizeram presentes: o Círculo de Pais e Mestres, a comunidade e

familiares. Foi uma grande alegria estar todos reunidos. Falaram na reunião no dia da inauguração do quadro da Professora Helena: a) Alexandre da Cruz, lendo a história da Professora Helena Bertóia, que está na Câmara e foi aprovado pois era vereador com Albino Dalacorte; b) Vergílio Torri - encontrei Albino Dalacorte que era vereador e disse-lhe: Nossa Escola não tem nome, seria da primeira professora que passou pelo lugar. Logo saiu o nome da Professora Helena Bertóia Machado que foi aprovado, pela Câmara de Santa Maria; c) Gabriel Bertóia ressaltou a importância da Escola na comunidade e o estudo como base para uma sociedade e um país; d) Ildo Padoin ressaltou a importância do professor nos dias atuais educando, orientando para o bem da sociedade; e) Anilce Sala ressaltou a importância do quadro, da Professora Helena Bertóia Machado, ao qual ninguém conhecia e ao contar sua história era muito bom conhece-la pelo menos pela sua foto.

PARTE 5



Que barulho fazem os bichos?

Pintinho: piu... piu... piu...

Pato: qua... qua... qua...

Gato: currinhou... currinhou... currinhou...

UM PROJETO DE MEMÓRIA: O CASO DA *BRIZOLETA* DE SILVEIRA MARTINS

VICTORIA HELOINA ALMERON LOPES DOS SANTOS²⁵



Edair Moretto frente a Brizoleta. Fotografia de Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos, 2025.

“Brizoleta” é um nome estranho à primeira vista (ao menos foi para nós em um primeiro momento), mas que, para quem estudou em uma, é uma palavra cheia de significados, ou melhor, de cor. Jürgen Trabant²⁶ afirma que, quando deixamos de ver a língua apenas como som e passamos a

25. Bacharelada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria e mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição e colaboradora do Centro de Documentação e Memória. victoria.lopes@acad.ufsm.br

26. TRABANT, J. Sobre a cor das palavras e das línguas. Trad. Aroldo Garcia dos Anjos. Revista Linguagem & Ensino, v. 23, n. 3, p. 881-893, 2020.

percebê-la como pensamento, ela se torna cromática, isto é, as palavras deixam de ser neutras e passam a ter cor. E se a língua ganha cor quando carrega significados afetivos, situados geográfica e historicamente, talvez a memória também tenha cor ou, quem sabe, seja feita de cor. A cor da palavra *brizoleta*, portanto, para quem a viveu, não diz respeito apenas a esse conjunto de fones e fonemas que nos provocou certo estranhamento ao nos depararmos com a história da escola da Linha Seis Norte de Silveira Martins, tampouco apenas a um *slogan* eleitoral que tinha por meta a erradicação do analfabetismo, mas, antes de tudo, ao fato de que tal palavra remete àquilo que Ricoeur²⁷ chama de rasto: uma presença que já não está mais aqui, mas que por ter estado, a memória coletiva busca reencontrar.

O nome *brizoleta* deriva do sobrenome de Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul no fim dos anos 1950. As brizoletas ou as escolinhas de Brizola, como eram conhecidas, faziam parte da campanha “Nenhuma criança sem escola”²⁸, por meio da qual centenas de escolas foram construídas entre 1959 e 1962²⁹. As escolas construídas pelo governo Brizola tinham um projeto arquitetônico característico: prédios de madeira simples, as menores, com um único cômodo e um banheiro – em geral, fora do prédio principal –, localizando-se majoritariamente à beira de estradas. No Rio Grande do Sul, conforme o levantamento das pesquisadoras Leticia Baldasso Moraes e Alcyane Marinho³⁰, essas escolinhas podem ser encontradas em Barra Funda, Passo Fundo, Gramado, Vale do Caí, Erechim, Mato Perso, Rincão del Rey, Rodeio Bonito, Saltinho e Guaporé. Acrescentamos à lista das autoras as brizoletas de Itaara e a de Silveira Martins, sendo a última objeto deste texto.

27. RICOEUR, P. Memória, história, esquecimento. In: **Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism**. Budapeste: [s.e.], 2003. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia. Acesso em: 1 dez. 2025.

28. Fazemos referência à campanha de Brizola conforme apresentada por Quadros (2001): QUADROS, C. de. Brizoletas: a ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963). **Teias**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, jan/jun, 2001, p. 1-12. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23870/16843>. Acesso em: 1 dez. 2025.

29. Conforme Muniz Bandeira (1979, p. 59) em Brizola e o trabalhismo: “No campo da educação, Brizola projetou, em escala estadual, o que fizera em Porto Alegre, multiplicando as salas de aulas e aumentando enormemente os índices de escolaridade. Entendia que “sem educação não há desenvolvimento”. E dotou o Rio Grande do Sul de uma rede de ensino primário e médio que atingiu os mais longínquos e desassistidos municípios. Em apenas 4 anos de mandato, ou seja, entre 1959 e 1962, o Governo Brizola construiu 5.902 escolas primárias, 278 escolas técnicas e 131 ginásio, colégios e escolas normais, totalizando 6,302 novos estabelecimentos de ensino [...]”.

30. MORAES, L. B.; MARINHO, A. Brizoletas: um passeio pela memória, patrimônio cultural e educação. **Educação**, v. 42, n. 3, p. 614-628, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/27356>. Acesso em: 01 dez. 2025.

A BRIZOLETA DA LINHA SEIS NORTE, EM SILVEIRA MARTINS

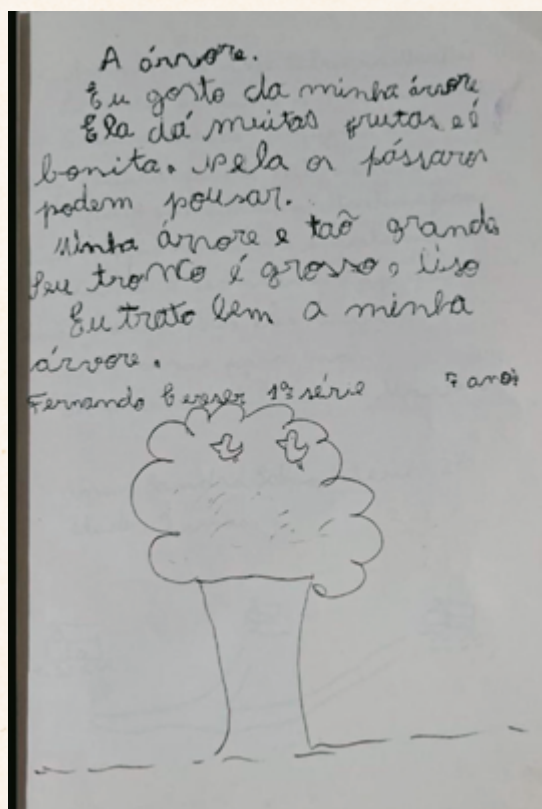
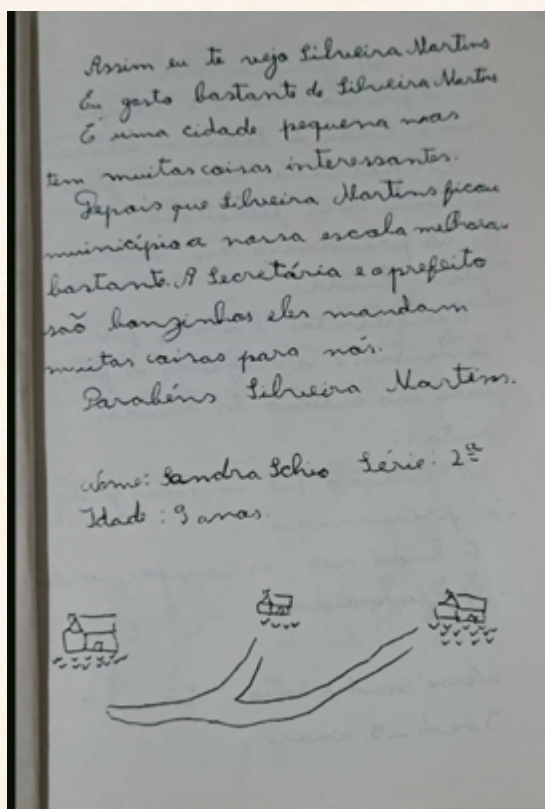
Começamos abrindo o parêntese de que, quando da criação de cada linha que compõe a cidade de Silveira Martins, três espaços eram fundamentais para construção de um senso de identidade e coletividade: uma capela, um centro comunitário e uma escola. Esses três espaços geralmente ficavam próximos uns dos outros e, em algumas linhas, funcionavam no mesmo local, como foi, por um tempo, o caso da Linha Seis Norte. Além disso, abrimos ainda um outro parêntese a fim de localizar a Linha Seis Norte, conforme explicado pela professora Edair Moretto: a Linha Seis Norte, está localizada na zona rural de Silveira Martins, começando em uma grande curva, bem fechada, que desce até Faxinal do Soturno, tendo como marca da divisa uma pequena barragem, que, aos poucos, começa a sumir. Assim como também faz fronteira com Júlio de Castilhos, onde se concentra a maior parte dos moradores da linha, com Ivorá, São João do Polêsine e com Santa Maria.

A escola sobre a qual nos debruçamos agora, está localizada um pouco mais à frente da curva, em uma esquina, onde encontramos a professora Edair Moretto, que gentilmente cedeu um tempo para nos contar sobre o funcionamento da escola. Ela relembra que as brizoletas tiveram grande importância no meio rural, pois as primeiras professoras davam aula na capela da comunidade e, com o projeto de Brizola, passaram a contar com um espaço próprio para promover a educação, conforme propunha o projeto do governador. Edair conta que assumiu a escola em 1985, quando ainda era chamada de Escola Municipal Linha Seis Norte e, durante o período em que se dedicou à escola, acompanhou a mudança do nome para Escola Municipal João Frederico Buligon. Ainda segundo a professora, a escola era "pequena, [feita] de madeira, [com] uma sala de aula, sem cozinha, sem água, [e] o banheiro era aquelas casinhas do lado de fora."³¹. Além disso, ela nos conta que apesar de não ter nada, ela se preocupava em oferecer uma bacia, que ficava pendurada, "para as crianças lavarem as mãos e comerem a merenda"³²

31. O trecho foi extraído da conversa que o membro da equipe do Centro de Documentação e Memória, Erick de Queiroz Brittes, teve com a professora Edair Moretto via Whatsapp em 31 de julho de 2024.

32. O trecho foi extraído da conversa que a equipe do Centro de Documentação e Memória, Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos, Juliana Cielo e Amanda Eloina Scherer, tiveram com a professora Edair Moretto em 23 de julho de 2025.

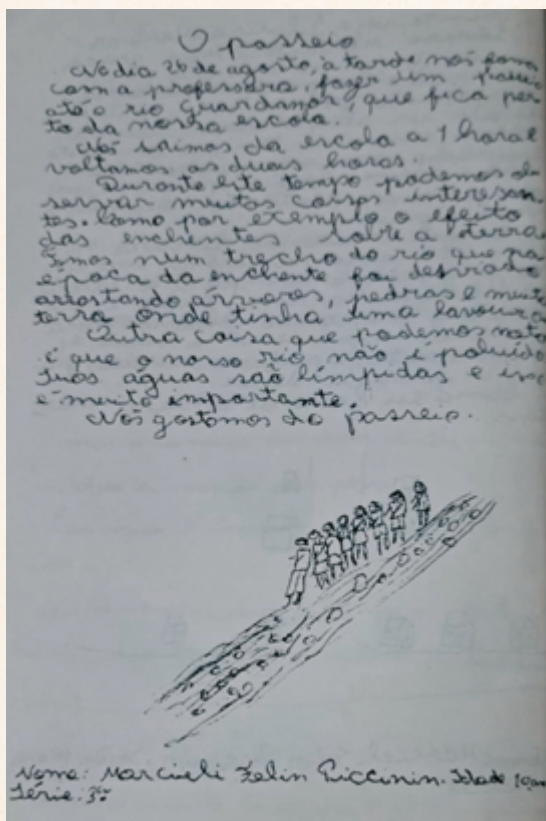
O ensino, assim como nas demais escolas rurais da região, era multisseriado: dividido em quatro séries cujas aulas eram ministradas concomitantemente, sendo o quadro dividido entre os maiores e tarefas no caderno em conjunto com a Cartilha João de Barro – quando esta se fazia presente, pois no caso de Edair Moretto, ela conta que fazia junto aos alunos as próprias cartilhas – para os menores³³. O máximo de alunos atendidos pela professora foram 14 alunos e, quando começou, na quarta série, havia apenas uma aluna que, por ser bem adiantada, a ajudava a dar conta dos demais.



Material produzido por Edair Moretto com seus alunos.

Fonte: Edair Moretto (Recebidos em 2024).

33. Ver imagens 1, 2, 3 e 4.



Material produzido por Edair Moretto com seus alunos.

Fonte: Edair Moretto (Recebidos em 2024).

A entrevistada ainda relata que essa era a escola de mais difícil acesso, fazendo com que ela precisasse buscar a merenda e outros recursos fornecidos por Santa Maria no centro de Silveira Martins, percurso que era feito a pé. Além de ter que ir a cavalo para as reuniões pedagógicas, saindo do distrito de Silveira Martins até o município de Santa Maria. Pouco antes da emancipação de Silveira Martins, em 1984, houve uma enchente, a qual dificultou ainda mais o acesso à escola, dado que as estradas foram fechadas. Quando da emancipação de Silveira Martins, em 1987, a escola passou a contar com uma parte de alvenaria, mais especificamente um banheiro com dispensa e uma cozinha.

A única professora da escola de quem possuímos informações, em documentos arquivísticos, é a própria Senhora Edair Moretto, que nos remonta um período anterior: ela conta que a primeira docente da escola foi a pro-

fessora Maria Dalforno Cereser, que ministrava aulas na Igreja quando nem mesmo o salão comunitário havia sido construído. O relato de Edair nos é importante, pois como destaca Ricoeur (2003, p. 3), o testemunho se configura como uma "extensão da memória", algo que só se realiza plenamente quando há quem o receba, o escreva e o conserve para que não se perca. Já conforme Pêcheux (1982)³⁴, a organização de uma memória coletiva acontece através de dois sujeitos: 1) aquele que está autorizado a ler, falar e escrever em seu nome; 2) aquele que está submisso às práticas de transcrição, indexação e classificação, representado majoritariamente pelo Estado e pelas leis que o regulam. Voltando à Ricoeur (2003, p. 3), o testemunho, muitas vezes se apresenta como um "ponto fraco do estabelecer prova documental", justamente porque é sempre possível opor os testemunhos uns aos outros, seja quanto ao fato relatado seja quanto à fidelidade do relato. E há ainda a interpretação por parte de quem reúne a história, dado que a interpretação ocorre desde "o estabelecimento do testemunho e dos arquivos até à explicação em termos de finalidade e casualidade, desde a esfera da economia à da cultura" (*ibid*, p. 4).

Nos registros que conseguimos reunir até o momento sobre a escola, sabemos que: ela foi fundada em 1950 como Escola de Linha Seis Norte, mais tarde foi registrada como Osvaldo Cruz e, por fim, foi rebatizada como Escola Municipal de 1º Grau João Buligon. Conforme a informação dada pela professora Edair Moretto de que ela foi a primeira pessoa dar aula já em um espaço materializado enquanto escola, em 1985, podemos interpretar que 1) ou a escola, até aquele momento, funcionou por, pelo menos, 34 anos na igreja, ou; 2) que houve uma professora antes de Maria Dalforno Cereser. Pelos documentos, ainda sabemos que a escola foi oficialmente desativada em 1997 como parte da política de nuclearização do ensino, que concentrava alunos em escolas maiores, urbanas, mais fáceis de administrar. O prédio, porém, nunca foi demolido; passou a ser utilizado primeiro para as aulas da catequese e, com o tempo, passou a não ser mais frequentada por pessoas, mas sim, por classes, cadeiras, mesas, entre outros objetos os quais podemos observar na seção *Retalhos de um tempo presente*.

Jacques Le Goff³⁵ afirma que a memória é uma construção, sempre par-

34. PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. Trad. Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.) [et al.]. **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. p. 55-66, 1982.

35. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1990.

cial e situada. Já para Pierre Nora, os lugares de memória se constituem em um jogo entre a memória e a história. A brizoleta da Linha Seis Norte é um desses lugares que o tempo não apagou (nem poderia apagar por completo, afinal, ainda conforme Nora (p. 22)³⁶, é função de um lugar de memória “parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais”.) e, mais importante do que isso, permanece, como uma velha senhora, carregando as marcas do tempo, mesmo não funcionando mais como escola. Sua existência, assim, desafia a lógica de esquecimento e de abandono da história e da memória que costuma dominar os espaços educativos rurais, pois enquanto as demais escolas rurais de Silveira Martins tornaram-se inexistentes, deram espaço para plantações de soja, entulhos ou sobrevivem apenas nas histórias dos moradores, a Brizoleta resiste, infelizmente, não como um patrimônio tombado, mas por pura insistência e força de “duas árvores do Chico Bento”, como diria Edair, que não a deixam ser levada pelas águas, pelo tempo, pelo mato ou pelo abandono, a desaparecer do mapa.

36. NORA, Pierre; AUN KHOURY, Yara. Entre Memória e História: A problemática dos Lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 16 jun. 2024.

PARTE 6



O gato rajado é Rubi.
Rubi não come rato.
Rubi pega rato.

gato
galo
Ga go

gago
gado
Go go

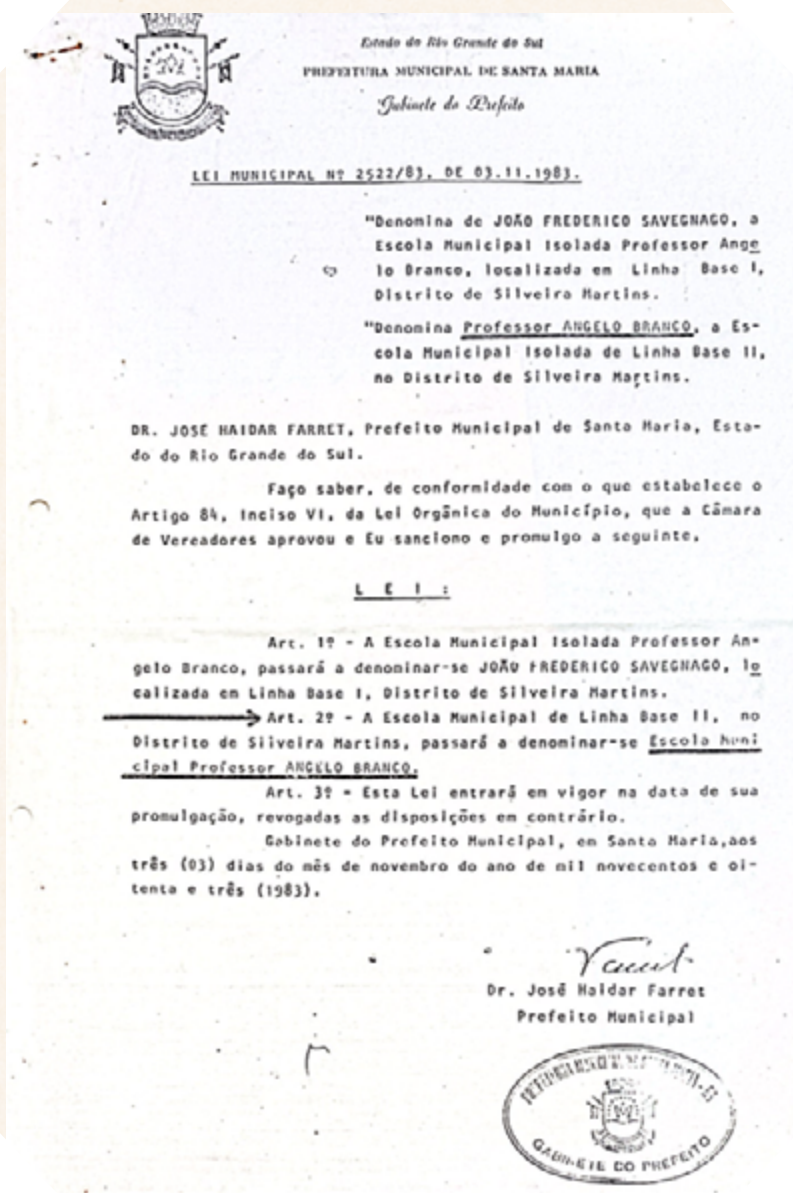
RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Você encontrará aqui uma série de fotos e cópias de documentos que, suspensos pelo tempo, nos encaminham para outros amanhã, como numa espécie de retalhos.



RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Reprodução da Lei Municipal n. 2522/1983 da Prefeitura Municipal de Santa Maria que renomeia as escolas municipais isoladas Professor Angelo Branco e Linha Base II, a primeira para João Frederico Savegnago e a segunda para Professor Angelo Branco.

Fonte: Arquivo Histórico da Secretaria Municipal da Educação de Silveira Martins.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE

Memorial que justifica a escolha do nome "João Frederico Savegnago" para a renomeação da então Escola Municipal Isolada Professor Angelo Branco, redigida e tramitada na Câmara dos Vereadores de Santa Maria (1983).

Fonte: Arquivo Histórico da Secretaria Municipal da Educação de Silveira Martins.

JUSTIFICATIVA

APRESENTAMOS O MEMORIAL EM ANEXO, DE MAIS DE 100 MORADU-
RES DA LOCALIDADE DE LINHA BASE I, NO DISTRITO DE SILVEIRA MARTINS
SOLICITANDO A MUDANÇA DO NOME DA ESCOLA MUNICIPAL, O QUE JUSTIFICA
A APRESENTAÇÃO DE UM PROJETO DE LEI, MODIFICANDO O NOME DA "ESCOLA
MUNICIPAL ISOLADA PROFESSOR ANGELO BRANCO", PARA "JOÃO FREDERICO
SAVEGNAGO" E TRANSFERINDO ÀQUELA DENOMINAÇÃO ANTERIOR DESTA ESCOL
PARA A ESCOLA DE LINHA BASE II, QUE PASSARÁ A SER DESIGNADA DE
"ESCOLA MUNICIPAL ISOLADA PROFESSOR ANGELO BRANCO", NOME ESTE, QU
DE FORMA ALGUMA PODERIA DESAPARECER.

O PROJETO LEGISLATIVO 2055 DE OUTUBRO/72 DO NOBRE VEREADOR
ORDEY DE OLIVEIRA, COM JUSTA RAZÃO, QUIZ HOMENAGEAR À MEMÓRIA DO
ILUSTRE PROFESSOR ANGELO BRANCO, QUE POR MAIS DE 30 ANOS, PROMOVEU
A DIFÍCIL TAREFA DE EDUCAR, NA LOCALIDADE DE LINHA BASE II, NO DIS-
TRITO DE SILVEIRA MARTINS. ACONTECE QUE A ESCOLA ENTÃO DESIGNADA
COM O SEU NOME, NÃO FOI ÀQUELA DO LOCAL ONDE VIVEU E ENSINOU, ASSIM
PELO PRESENTE PROJETO DE LEI, CORRIJA-SE ESTE ERRO DE DESIGNAÇÃO E
PROCEDAM-SE ÀS ALTERAÇÕES NECESSÁRIAS, TRANSFERINDO O NOME DO PRO-
FESSOR ANGELO BRANCO DA ESCOLA MUNICIPAL DE LINHA BASE I, PARA A
ESCOLA MUNICIPAL DE LINHA BASE II.

É PARA A ESCOLA MUNICIPAL QUE LEVAVA O NOME DO PROFESSOR
ANGELO BRANCO, ATENDENDO O PEDIDO FORMULADO PELOS PAIS E ALUNOS DA
LOCALIDADE, DÁ-SE-LHE A DESIGNAÇÃO DE "JOÃO FREDERICO SAVEGNAGO" -
UMA JUSTA E MERECIDA HOMENAGEM À MEMÓRIA DAQUELE QUE SEMPRE VIVEU
NO LOCAL, PELA DURAÇÃO DE 65 ANOS, DOBRO O TERRENO E AJUDOU MONETÁ-
RIAMENTE NA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DE LINHA BASE I.

DADO O EXPOSTO, APRESENTAMOS ESTE PROJETO DE LEI, PARA A
NECESSÁRIA TRAMITAÇÃO NESTA CASA LEGISLATIVA.

SANTA MARIA, 15 DE SETEMBRO DE 1983

Newton Cecil Queiroz
NEWTON CECIL QUEIROZ
VEREADOR PSD

VEREADOR JOSÉ EDSON LIMA

VEREADOR ORDEY DE OLIVEIRA

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE

OP. Nº 97/77-GP
E.T.B. - S.H.E.

Santa Maria, 28 de novembro de 1977.

SENHOR SECRETÁRIO

Pelo presente, propomos a Vossa Excelência a designação do Estabelecimento Municipal, da Rede Escolar do Ensino de 1º Grau do Município de Santa Maria, em atendimento ao que dispõe a Resolução nº 111/74, do Conselho Estadual de Educação, conforme especificação abaixo.

Escola Municipal Isolada Linha
Três Sul

DESIGNAÇÃO PROPOSTA E DENOMINAÇÃO
ATUAL OU PROPOSTA
Escola Municipal de 1º Grau Incom

pleto de Linha Três Sul

Na oportunidade, reiteramos nossos protestos de elevada es

tima e distinta consideração.

Atenciosamente


DR. OCTALIO NASCIMENTO DA SILVA
PREFEITO MUNICIPAL

EXID. SR.
PROF. AIRTON SANTOS VARGAS
DOE SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
POSTO ALEGRE/RS

Ofício do Gabinete do Prefeito de Santa Maria de 28 de novembro de 1977 encaminhado à Secretaria de Educação e Cultura, informando a alteração dos nomes de uma das escolas, Escola Municipal Isolada Linha Três Sul, para "Escola Municipal de 1º Grau Incompleto de Linha Três Sul", em conformidade com a Resolução nº 111/1974 do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, que estabelecia o 1º e o 2º graus.

Fonte: Arquivo Histórico da Secretaria Municipal da Educação de Silveira Martins.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Prefeitura Municipal de Santa Maria
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

ANO 1982

BOLETIM DO MOVIMENTO ESCOLAR DO ENSINO DE 1º GRAU

ESCOLA: H. P. Linha Seis Norte MES: Dezembro

LOCALIDADE: Linha Seis Norte DISTRITO: _____

TURNOS: MANHÃ (X) TARDE () NOITE ()

HORÁRIO: MANHÃ 7h às 11h TARDE _____ NOITE _____

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Prefeitura Municipal de Santa Maria
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

ANO 1985

BOLETIM DO MOVIMENTO ESCOLAR DO ENSINO DE 1º GRAU

ESCOLA: M. de 1º Grau João Buligon MES: Dezembro

ENDEREÇO: Linha Seis Norte

LOCALIDADE: Linha Seis Norte DISTRITO: Silveira Martins

TURNOS: MANHÃ () TARDE (X) NOITE ()

HORÁRIO: MANHÃ _____ TARDE 7h às 11h NOITE _____

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Prefeitura Municipal de Santa Maria
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

ANO 1983

BOLETIM DO MOVIMENTO ESCOLAR DO ENSINO DE 1º GRAU

ESCOLA: H. P. Linha Seis Norte MES: Dezembro

LOCALIDADE: Linha Seis Norte DISTRITO: Silveira Martins

TURNOS: MANHÃ (X) TARDE () NOITE ()

HORÁRIO: MANHÃ 7h às 11h TARDE _____ NOITE _____

Estado do Rio Grande do Sul
Prefeitura Municipal de Santa Maria
Secretaria de Município da Educação e Cultura

BOLETIM MENSAL DO MOVIMENTO ESCOLAR

Ano Letivo: 1986

Dias Letivos no Período: 20

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Escola: M. de 1º Grau João Buligon Mes: maio

Distrito: Silveira Martins Turnos de Funcionamento: Manhã () Tarde (X) Noite ()

Horário de Funcionamento:

Manhã - Início: _____ Término: _____ Tarde - Início: 7h Término: 5h30 Noite - Início: _____ Término: _____

Responsável pelo preenchimento: Edmar Florio Diretor(a): _____

Estado do Rio Grande do Sul
Prefeitura Municipal de Santa Maria
Secretaria de Município da Educação e Cultura

BOLETIM MENSAL DO MOVIMENTO ESCOLAR

Ano Letivo: 1986

Dias Letivos no Período: 05

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Escola: M. de 1º Grau João Buligon Mes: dezembro

Distrito: Silveira Martins Turnos de Funcionamento: Manhã (X) Tarde () Noite ()

Horário de Funcionamento:

Manhã - Início: 7h Término: 11h Tarde - Início: _____ Término: _____ Noite - Início: _____ Término: _____

Responsável pelo preenchimento: Edmar Florio Diretor(a): _____

Reprodução da mudança de nome da escola de Linha Seis Norte para João Buligon, desde "Escola Municipal Isolada" a "Municipal de 1º Grau Incompleto", a partir de excertos do mês de dezembro dos anos 1982 a 1986. No caso do ano de 1986, há um do mês de maio e outro de dezembro; em maio, ainda se mantinha o nome "Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Linha Seis Norte". Em dezembro, o nome já havia sido alterado para "Escola Municipal de 1º Incompleto João Buligon".

Fonte: Arquivo Histórico da Secretaria Municipal da Educação de Silveira Martins.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE

Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE SILVEIRA MARTINS
Rua 21 de Abril, 163 – CNPJ 92.457.217/0001-43 – Fone: 224-1200

DECRETO EXECUTIVO Nº 005/2005

*** ENCERRA AS ATIVIDADES NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL LINHA TRÊS SUL *.**

CLEMOR ANTÔNIO BALEN, Prefeito Municipal de Silveira Martins, Estado do Rio Grande do Sul, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas em Lei,

DECRETA:

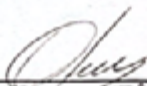
Art. 1º - Encerram-se as atividades escolares na Escola Municipal de Linha Três Sul.

I - Motivo: a redução de custos financeiros na manutenção escolar, visando a melhoria da estrutura pedagógica e a qualidade de ensino, a ser ampliada e oferecida.

Art. 2º - O prédio de patrimônio público municipal não será fechado. No local, será desenvolvido projetos, cursos e outros de interesse da comunidade em geral.

Art. 3º - O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Gabinete do Prefeito Municipal em Silveira Martins, aos dezoito dias do mês de fevereiro de dois mil e cinco. (18/02/2005).



CLEMOR ANTÔNIO BALEN
Prefeito Municipal

Representação do Decreto executivo n. 005/2005 da Prefeitura Municipal de Silveira Martins, que encerra as atividades da Escola Municipal de Linha Três Sul.

Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Silveira Martins.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

ESTABELECIMENTO : Escola Municipal de 1º Grau Incompleto de Linha Três Sul
DISTRITO : Silveira Martins LOCALIDADE : Linha Três Sul

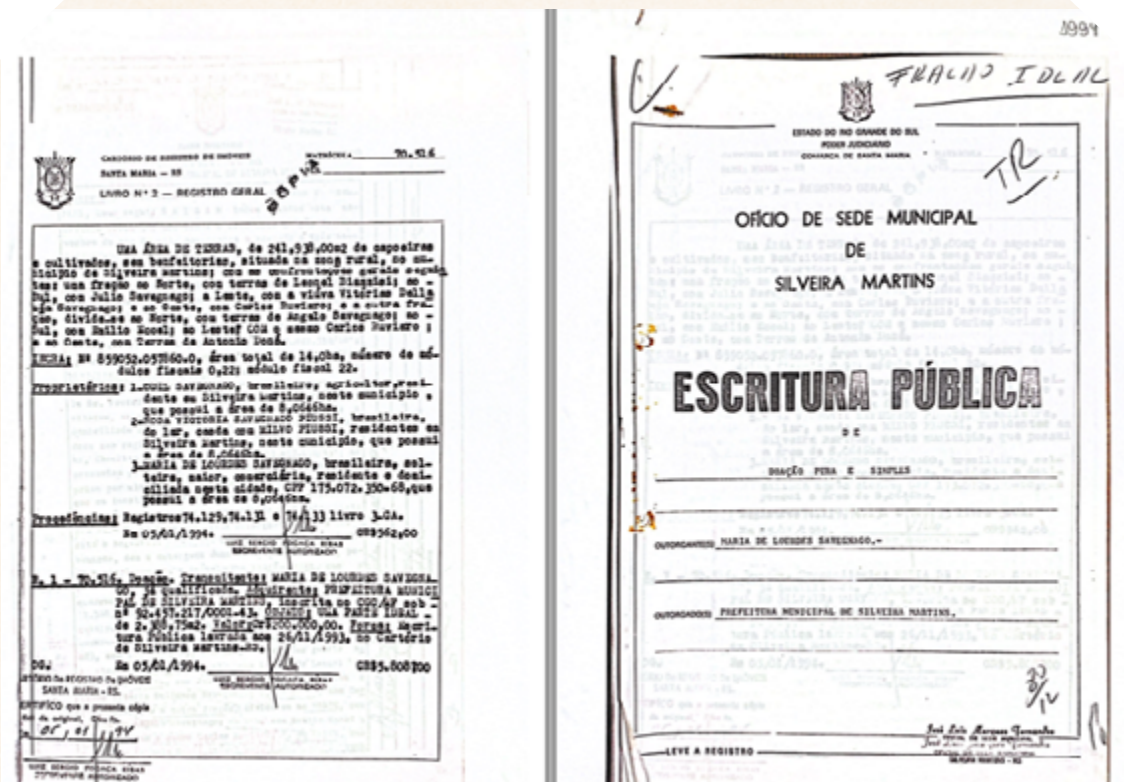
PREDIC

Criado por Decreto nº 21174 de 2 de abril de 1974 Proprietário : Prefeitura Municipal
Denominado por Lei nº _____ de _____ de _____ Nome do doador do terreno : _____
Início do Funcionamento : 01 de agosto de 1935 Cedido : ☐ Alugado : ☐
Zona : Rural Construído p/ fins escolares: Sim ☐ Não: ☐
(urbana — suburbana — rural) Aluguel: Cr\$ _____ Adaptado: ☐
Rua : _____ Nº _____ Bairro : _____ Contrato : _____ Prazo : _____
Telefone próximo : 4 Km Em que data se vence : _____
Distância à sede do Município : 31 km Construção Ano : 1959
Distância à sede do Distrito : _____ Tipo de Construção: Madeira: ☐ Alvenaria: ☒ Mista: ☐
Meios de Transporte : ônibus Área edificada 30 m² Livre _____ m²
Meios de Comunicação : correios Estado de conservação: Bom ☐ Regular: ☐ Péssimo: ☐
Acomodação para os professores na localidade : não Nº de salas de aula : 01 Especiais : _____
Ato nº 52 de 12/8/1935 - Transfere por conveniência Nº de sanitárias : _____ Tipo: Privada: ☐ WC ☐
do ensino, a 2ª escola da Linha Três Sul, 4º Água: Fogo: ☐ Instalação: ☐ Nenhum dos dois: ☐
distrito para a Linha Dois Norte, no mesmo dis- Luz: Sim ☐ Não ☐ Esgoto: Sim ☐ Não: ☐
trito, nomeando para regê-la a profª Isoli- O terreno está cercado: Sim: ☐ Não: ☐
na Pereira. Tipo de cerca: Muro: ☐ Arameado: ☐
Dec. Exec. nº 020/80 de 11/3/80 - Oficializa Possui jardim: Sim: ☐ Não: ☐ Horta: Sim: ☐ Não: ☐
a data de início do funcionamento a partir de Possui biblioteca: Sim: ☐ Não: ☐ Nº de volumes: ☐
01/08/1935 - Bol. Inf. 05/80.

Representação da transferência da Escola Linha Três Sul para a Linha Dois Norte para ser regida pela Profª. Isolina Pereira a partir de 01 de agosto de 1935.

Fonte: Arquivo Histórico da Secretaria Municipal da Educação de Silveira Martins.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Representação da escritura do terreno da atual Escola Municipal João Frederico Savegnago, doado para a Prefeitura Municipal de Silveira Martins em 05 de janeiro de 1994.

Fonte: Arquivo Histórico da Secretaria Municipal da Educação de Silveira Martins.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Cesar de David em fev. 2026

Fotografia da parte externa da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Dom Pedro II.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Cesar de David em fev. 2026

Fotografia da parte externa da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Dom Pedro II.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Cesar de David em fev. 2026

Fotografia da parte externa da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Dom Pedro II.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Cesar de David em fev. 2026

Fotografia da placa da Escola de 1º Grau Incompleto Dom Pedro II. Na placa, lê-se "E 1 G INC DOM PEDRO II".

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria: Rafaella Barbieri Viera em out. 2024

Fotografia do selo do patrimônio estadual coberto de folhas.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE

Autoria de Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos em out. 2025



Fotografia dos
corredores da
escola de Linha
Dois Norte.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Victoria Heloina Almeron Lopes dos Santos em out. 2025

Fotografia de uma das salas da escola de Linha Dois Norte.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos em out. 2025

Fotografia de uma das salas da escola de Linha Dois Norte.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos em out. 2025

Fotografia de uma das salas da escola de Linha Dois Norte.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos em mar. 2026

Fotografia da Brizoleta da Linha Seis Norte.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos em mar. 2026

Fotografia dos escombros encontrados dentro da Brizoleta.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos em mar. 2026

Fotografia de Edair Moretto na Brizoleta da Linha Seis Norte

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos em mar. 2026

Fotografia de Edair Moretto na Brizoleta da Linha Seis Norte

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos em nov. 2025

Acervo fotografico pessoal da Dona Vilma Dellamea Cielo que registra a Escola da Vila Cattani

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE

Escola Helena
Bertóia Macha-
do.

Fotografia cedi-
da por Marlene
Torri.



Cedido do arquivo pessoal de Marlene Torri em abr. 2026

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE

Cedido do arquivo pessoal de Marlene Torri em abr. 2026



Professora Anilce Sala em frente a Escola Helena Bertóia Machado.

Fotografia cedida por Marlene Torri.

RETALHOS DE UM TEMPO PRESENTE



Autoria de Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos em dez. 2024

Local onde estava localizada uma escola e hoje dá espaço para uma plantação de soja.

CDM (Centro de Documentação e Memória)

Espaço Multidisciplinar Silveira Martins

Avenida Vitório Zago, n. 442

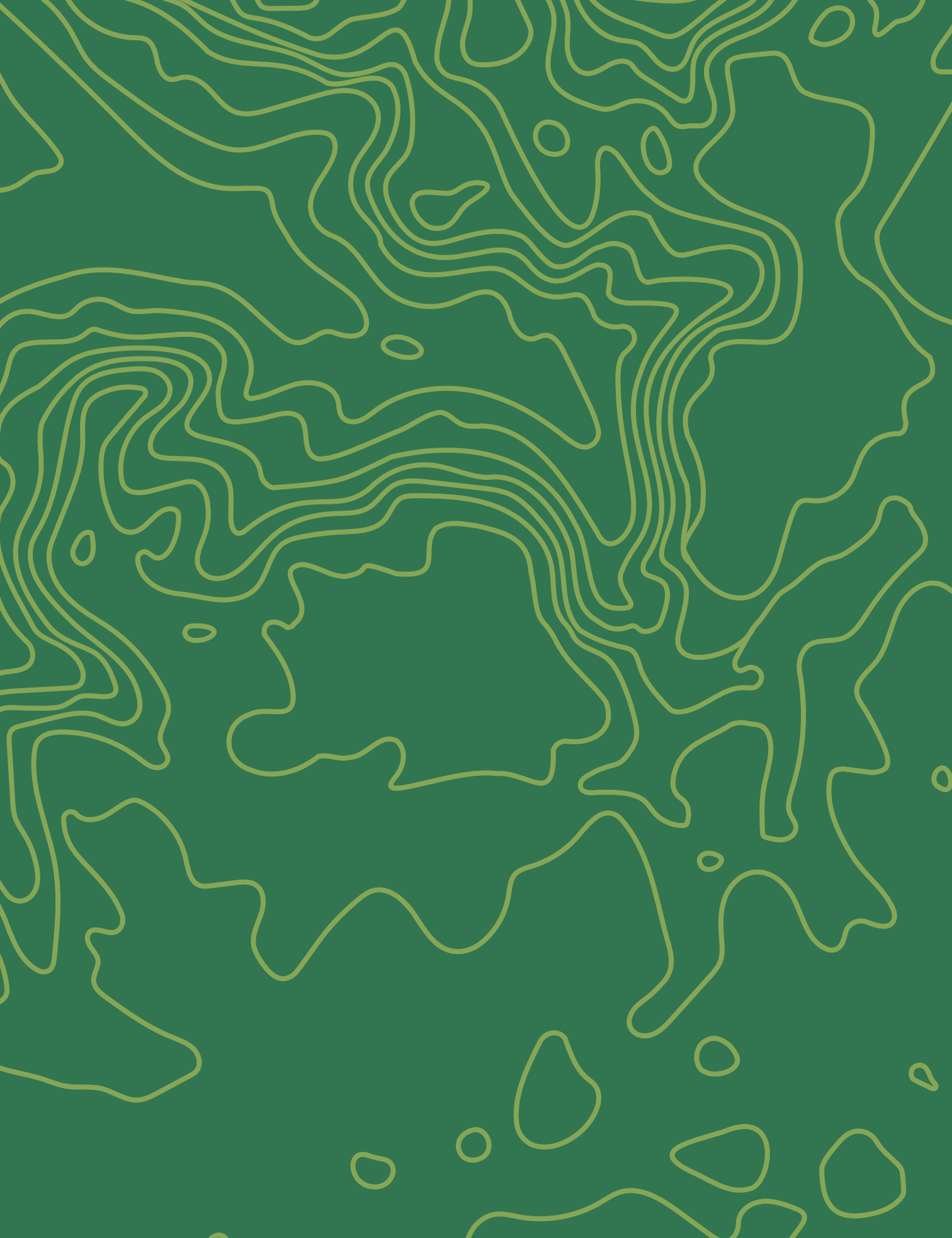
97195-000 – Silveira Martins – RS

<http://www.cdmufsm.com.br/>

E-mail: cdm@ufsm.br

Essa coleção foi produzida utilizando as fontes Stymie (corpo e subtítulos) e
Stymie DC D (títulos) licenciados pela Adobe Fonts.

Copyright ©



REALIZAÇÃO:



UFSM Silveira Martins
Centro de Documentação e Memória

Memórias infinitas n. 03 é resultado do Projeto de Extensão - A memória escolar no distrito de Silveira Martins entre 1935 a 1978: o caso das escolas municipais rurais - na UFSM/CAL/ PPGL, desenvolvido no Espaço Multidisciplinar da UFSM Silveira Martins entre 2024 e 2025 pelo Centro de Documentação e Memória. Os textos reunidos no número em questão têm o intuito de conferir visibilidade às escolas isoladas visando analisar sua importância na configuração da escola primária no interior do Rio Grande do Sul e sua importância na historicização no interior do espaço escolar, bem como as diversas configurações que esta instituição assumiu ao longo da história na formação do que hoje chamamos do berço da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

APOIO:

